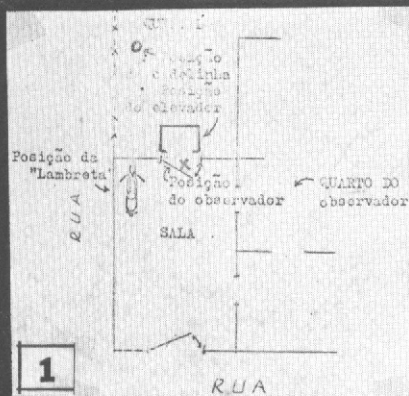
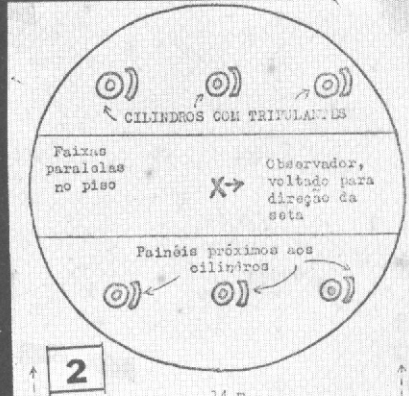




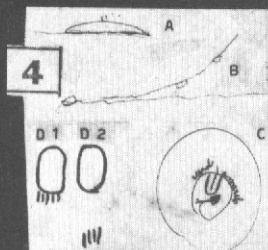
1 PLANTA BAIXA PARCIAL DA RESIDÊNCIA EM NOVA LIMA (CICOANI - BELO HORIZONTE)



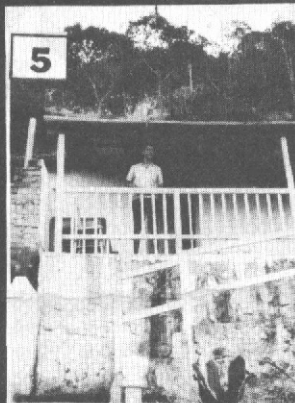
2 CASO "VILA OPERÁRIA" - NOVA LIMA (MINAS GERAIS)
PLANTA BAIXA DO COMPARTIMENTO DO APARELHO (ESBOÇO DA TESTEMUNHA) LEIA O ÍTEM B-3)



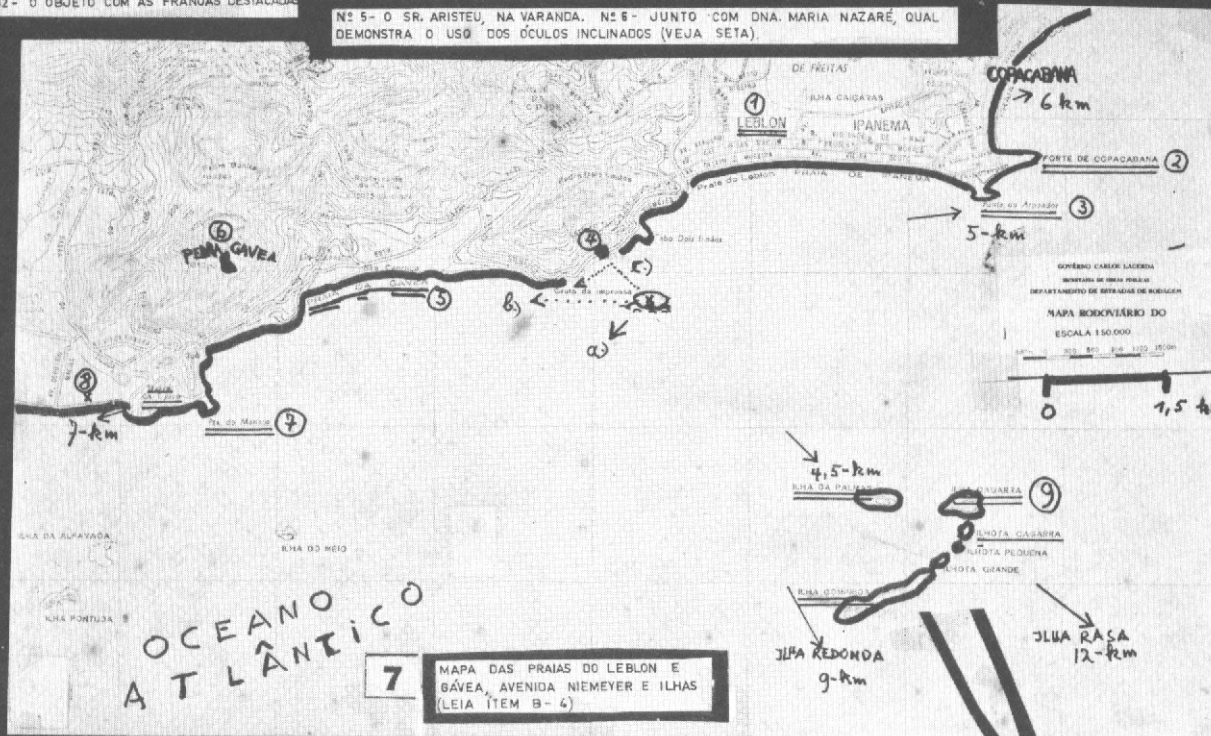
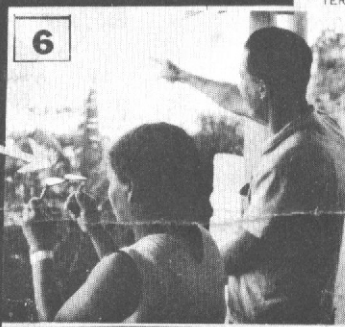
3 CASO "VILA OESTE" - BELO HORIZONTE
1- OANI (?) VISTO PRIMEIRO NESTE PONTO
2- VIROU PARA OESTE, SEM FAZER CURVA
3- PRIMEIRA IMOBILIZAÇÃO DO OANI
4- SEGUNDA PARADA DO OANI
5- TERCEIRA PARADA DO OANI
6- LOCAL DA SUPOSTA ATERRISSAGEM
(?)-OBJETO VOADOR NÃO IDENTIFICADO - TERMO USADO PELO CICOANI



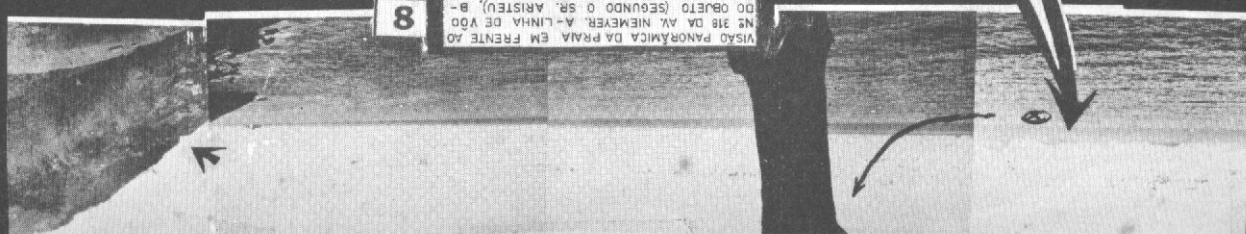
4 A E B: CROQUIS DO SR. AGUIAR
A - O OBJETO NA ÁGUA
B - TRAJETÓRIA DO VÔO
C - CROQUIS DE DNA. MARIA NAZARÉ;
O OBJETO VISTO POR BAIXO, EM VÔO
D1 - O OBJETO COM FRANJAS
D2 - O OBJETO COM AS FRANJAS DESTACADAS



5 N.º 5 - O SR. ARISTEU, NA VARANDA. N.º 6 - JUNTO COM DNA. MARIA NAZARÉ, QUAL DEMONSTRA O USO DOS ÓCULOS INCLINADOS (VEJA SETA)



7 MAPA DAS PRAIAS DO LEBLON E GÁVEA, AVENIDA NIEMEYER E ILHAS (LEIA ÍTEM B-4)



8 VIAÇÃO PANORÂMICA DA PRAIA EM FRENTE AO TALHO DA AVENIDA NIEMEYER. B - O OBJETO (SEGUNDO O SR. ARISTEU). B - N.º 318 DA AV. NIEMEYER. A - LINHA DE VÔO

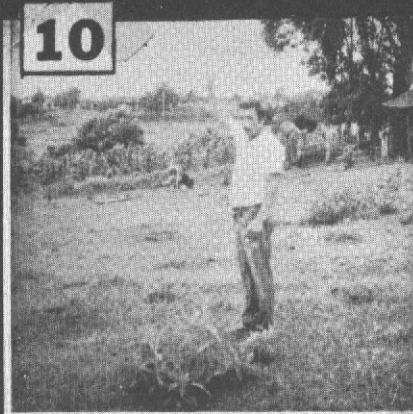


FIG. 10: A TESTEMUNHA NO LOCAL ONDE SE DEU O SEQUESTRO. A FIG. 9 - A REPRESENTA O CROQUIS DA NAVE, FEITO PELA TESTEMUNHA EM 9 - B, CROQUIS FEITO PELA SBEDV (LEIA ÍTEM B-11)



O SR. FLOZINO, DE PIRASSUNUNGA, POSE PARA A OBJETIVA DA SBEDV (LEIA ÍTEM B-9)

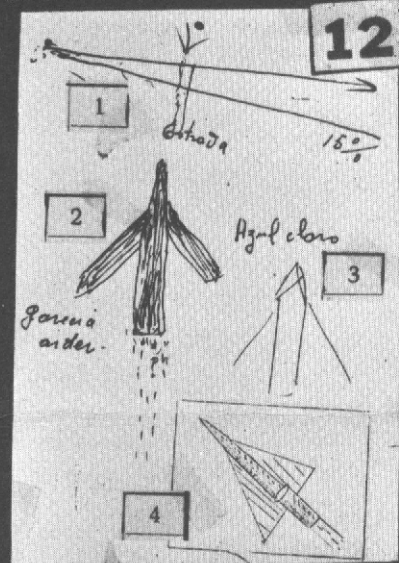
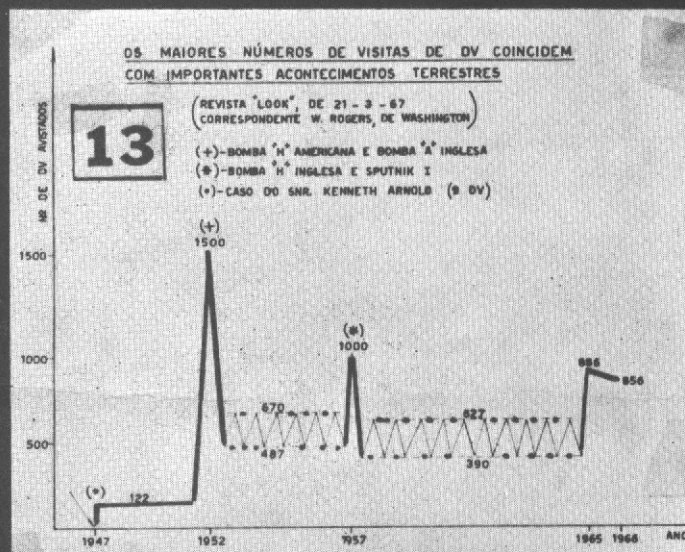
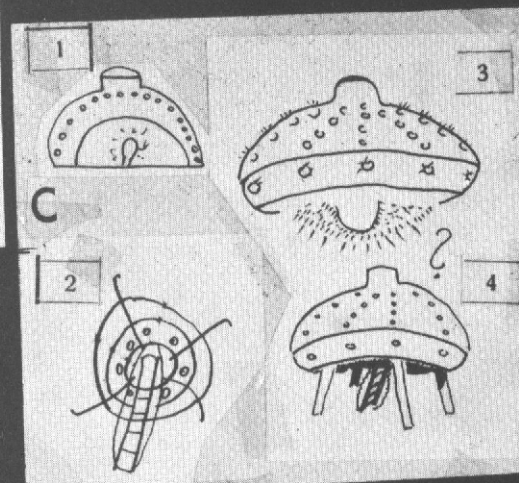
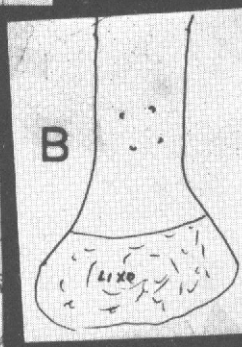


FIG. 2: CROQUIS, FEITO PELO FREI HUMBERTO FLÔRES DA CUNHA, MOSTRANDO O OBJETO QUE VIU EM LAGOA VERMELHA. (RIO GRANDE DO SUL) FIG. 3: CROQUIS DO MESMO OBJETO, FEITO PELO SR. KOCH. FIG. 1: REPRESENTA A TOPOGRAFIA DA ESTRADA E A LINHA DE VÔO DO OBJETO FIG. 4: REPRESENTA UM OBJETO SIMILAR, VISTO NA FRANÇA. (LEIA ÍTEM B 12)



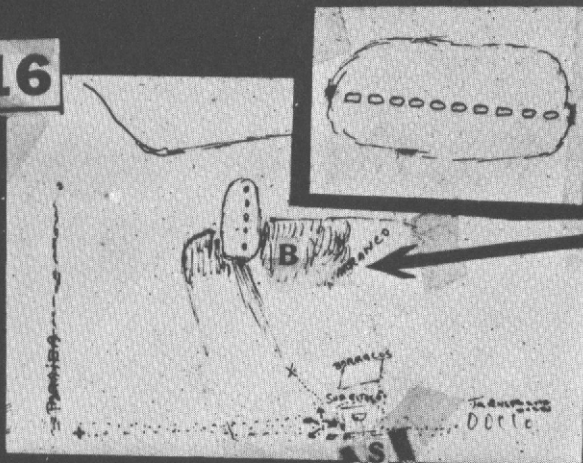
AS GRANDES ONDAS DE SOBREVÔOS DOS DV TÊM COINCIDIDO COM IMPORTANTES ACONTECIMENTOS TERRESTRES, COMO AS PRIMEIRAS EXPLOSÕES DAS BOMBAS A E H E OS PRIMEIROS VÔOS TERRESTRES PARA O ESPAÇO (LEIA ÍTEM A-1)

CROQUIS DA TESTEMUNHA: TRAJETÓRIA DO CARRO EM FACE DO "RODOMOINHO" E DOS TRIPULANTES (LEIA ÍTEM B-10)

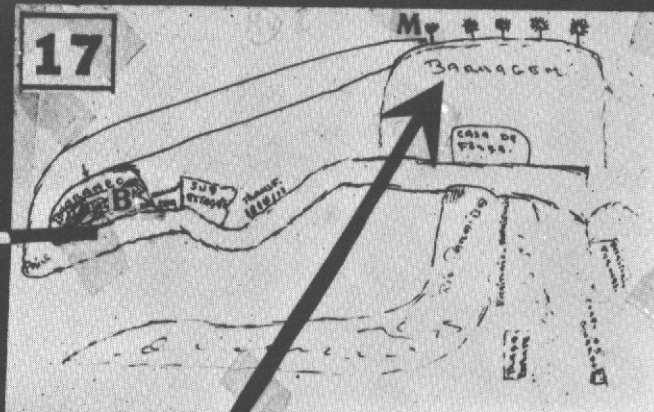


ATERRISSAGEM DE DV EM MAGALHÃES BASTOS-RIO DE JANEIRO (LEIA ÍTEM B-5)
A - MAPA RODOVIÁRIO DA REGIÃO. B - CROQUIS DA TESTEMUNHA, ASSINALANDO AS MARCAS QUE O DV DEIXOU NO CHÃO C-1 (DV NO AR), C-2 (DV ATERRISSADO): SÃO CROQUIS FEITOS PELA TESTEMUNHA, C-3 E C-4 DÃO AS RESPECTIVAS INTERPRETAÇÕES DA SBEDV.

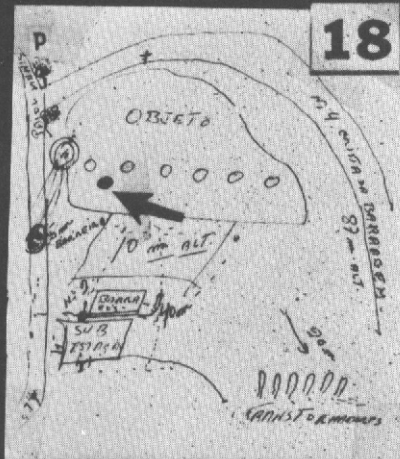
16



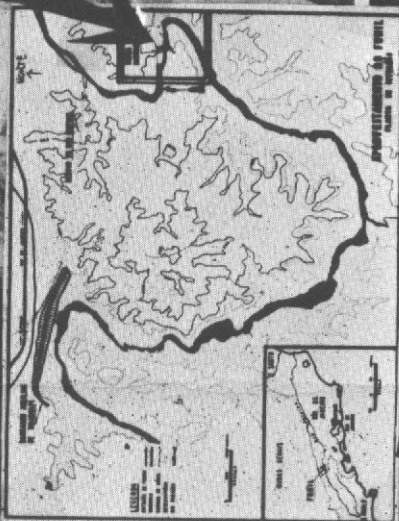
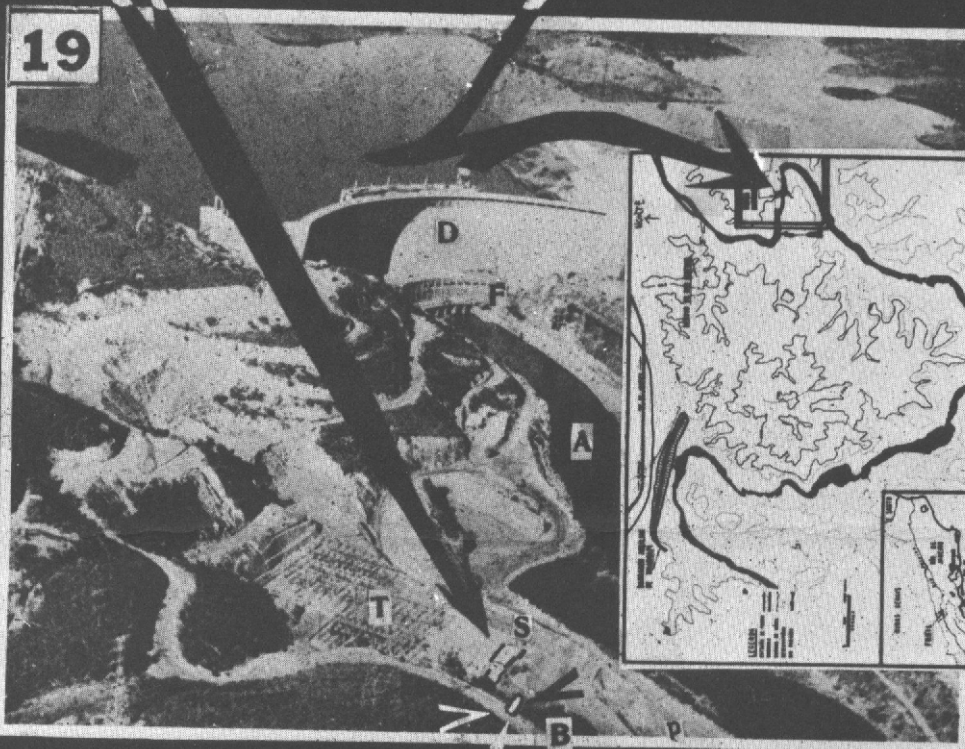
17



18



19



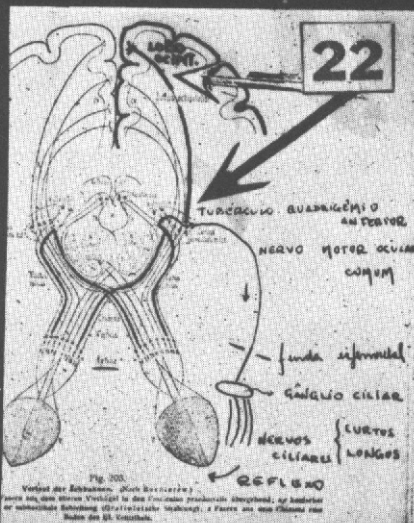
VITIMA DO CLARÃO: ATIREI E AC



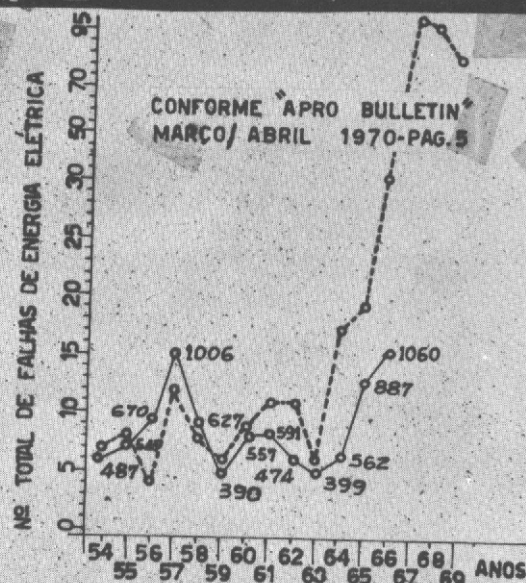
Afirma a vítima do clarão:
— Atirei e acertei na "coisa"

20

23



22



— Nº DE DISCOS AVISTADOS (1954 A 1966)
(PESQUISA DA "UNITED STATES AIR FORCE")

-----NR DE FALHAS DE ENERGIA ELÉTRICA
(1954 A 1969) (DADOS FORNECIDOS PELA
FEDERAL POWER COMMISSION)

21

GRÁFICO DE COMPARAÇÃO ENTRE OS NÚMEROS DE VISITAS DE DV E AS FALHAS NAS CENTRAIS ELÉTRICAS DOS EE.UU. (LEIA ÍTEM B-6, "PROBLEMA PSICOLÓGICO")

A) - GENERALIDADES

1 - Conversa com o leitor	1
-------------------------------------	---

B) - PESQUISAS

2 - O caso "Vila-Oeste" - Belo Horizonte - M.Gerais . .	4
3 - O caso "Vila Operária" - B.Horizonte - M.Gerais . .	9
4 - DV amerrissa frente à Av. Niemeyer - Guanabara . .	12
5 - DV aterrisa em Magalhães Bastos - Guanabara . . .	17
6 - O incidente da Reprêsa do Funil - Itatiaia - E.do Rio	17
(com os sub-ítems: introdução - descrição do episó- dio - comentários a posteriori - outros indícios - geo-cosmopolítica - tratamento médico - epílogo)	
7 - Luz misteriosa para carro na via-Dutra	28
8 - O incidente de Itauçu - Goiás	28
9 - Os brigos extraterrestres - Pirassununga - S.Paulo	30
10 - Extraterrestres tentam contato com terrestres - Pi- rassununga - S. Paulo	34
11 - Outro gaúcho viaja em um DV - Sarandí - R.G.do Sul.	36
12 - A flecha azul de Lagoa Vermelha - R.G.do Sul. . . .	38

C) - 13 - LISTA DE LIVROS E REVISTAS	40
--	----

D) - 14 - ENGLISH SUMMARY	41
-------------------------------------	----

OBSERVAÇÕES:

Itens 2 e 3: Pesquisa e redação do "CICCOANI" - Centro de Investiga-
ção Civil de Objetos Aéros Não Identificados - Belo Ho-
rizonte - M. Gerais.

Item 7: Reportagem do jornal "Diário de Notícias" -Rio -
25/10/70.

Item 8: Reportagem do jornal "Folha de Goiás" - 12/9/69

Demais itens: De autoria da SBEDV

- 1 -
1 - CONVERSA COM O LEITOR
=====

Com a aproximação dos festejos natalinos e do ano novo de 1971, queremos desejar aos nossos leitores a necessária paz mental para que possa reinar também a paz física, a saúde e a felicidade. Que um crescente número de pessoas possa enxergar a aproximação de um novo século que trará tantas inovações técnicas e sociais de um modo geral para a humanidade terrestre.

Neste 13º ano de existência do Boletim SBEDV, queremos também congratular-nos com alguns outros pesquisadores, os quais, há cerca de 10 anos atrás, hostilizaram-nos durante uma das nossas reuniões (em São Paulo), por termos falado abertamente do problema dos Discos Voadores e dos seus tripulantes, o que constituía tabú naquela época. No entanto, hoje em dia, eles e os seus grupos são elementos de realce na tentativa de produzir trabalhos de pesquisa cada vez melhores, especialmente no que tange ao problema dos representantes de civilizações humanas estraterrestres, os quais, em nosso Boletim, costumamos chamar de "tripulantes". De fato, podemos orgulhar-nos de alguns pesquisadores patrícios com os quais muito pudemos aprender durante muitos anos, e dos quais temos citado e transcrito vários trabalhos (ufológicos) no boletim SBEDV.

O leitor atento deve observar que nesses trabalhos sempre constam a data, localização geográfica e nome das testemunhas ou pelo menos a sua identificação. É oportuna então a crítica do professor (de fenômenos atmosféricos-Universidade de Arizona-USA) James E. McDonald, a qual foi publicada no Boletim ICARUS (jornal de estudos sobre o sistema solar-Nov. 1969, que chegou às nossas mãos pelo UFO-Bulletin do grupo de pesquisa da Universidade de Auckland-Austrália). O professor James criticou o resultado da pesquisa sobre os Discos Voadores, feita pelo grupo do professor Condon (Universidade de Colorado), do qual diz no item 9: "..em 59 casos dentre os 90 (estudados), foram omitidos -- DATA, LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA, NOMES DAS TESTEMUNHAS--. Obviamente, isto cria dificuldades para que outros investigadores independentes controlem as pesquisas, e também impede, na realidade, qualquer discussão..."

Se estas regras tivessem sido observadas no passado, há 10 anos atrás, todos os pesquisadores brasileiros teriam chegado às mesmas conclusões que a SBEDV, já àquela época. Se este esquema fôr usado no presente, possivelmente muitos outros pesquisadores chegarão às mesmas conclusões nossas, conforme delineamos a seguir, de modo sucinto:

a)- A humanidade terrestre, na atualidade, encontra-se em uma encruzilhada onde houve o encontro de uma evolução técnica vertiginosa porém desacompanhada de uma necessária evolução moral. Haja visto que atualmente a quase totalidade dos países (terrestres) participam, direta ou indiretamente, de uma verdadeira "indústria de guerra", apesar de, hipoteticamente, --- terem criado organismos que se destinariam a zelar pela "paz do mundo",

Assim sendo, nas vésperas de "ENGATINHARMOS PARA O ESPAÇO EXTRATERRESTRE E O HABITAT DE OUTRAS CIVILIZAÇÕES", caímos no dilema de nos adaptarmos às novas contingências herdadas pelas novas circunstâncias, ou então de tratarmos do nosso DESAPARECIMENTO.

b)- Parece que os líderes das grandes nações não têm conseguido aprender esta verdade, e daí se originar o seu pânico em relação aos extraterrestres, pois ordenam um duro combate à pesquisa livre, para que o assunto fique ainda encoberto por mais alguns anos. Podemos citar, em semelhança, aquilo que já aconteceu no passado, no tempo de Galileo Galilei, quando "A TERRA ERA PROIBIDA DE GIRAR EM TÔRNO DO SOL" (por preconceitos de razão dita religiosa e que, entretanto, se estendiam às fronteiras de uma verdadeira ação de caráter bélico). Naquela época, "a coisa tinha que ser ao contrário", talvez por razões remontando ao ponto de vista que o professor Hulvio B. Aleixo denominou de "antropo-cêntrico". Dêste modo, talvez haja grandes modificações da REALPOLITIK terrestre, pelo menos em relação ao Espaço. Cremos que ainda vai ficar patente, até o fim do século, que a "política (terrestre) de avestruz", em relação aos Discos Voadores, e o segredo em torno dos mesmos, não tenham sido um comportamento condigno das "grandes" nações...

c)- O INCIDENTE DO FUNIL (leia no item B-6, diante) demonstra que o problema DISCO VOADOR não deve mais ser monopólio dos serviços de defesa aérea. Todos os órgãos de defesa deviam dê-lo assenhorar-se, não somente nos escalões mais altos, mas até o mais humilde servidor da nação, para que um guarda de represa, em desconhecimento da presença de extraterrestres e de sua força superior, não deflagre o seu revólver, e ponha em perigo a sua saúde e de outros, mas que faça comunicação aos seus superiores, para que se considere serenamente o desafio dos extra-terrestres e se facilite o intercâmbio entre nós e estes seres. Que não se hostilize e nem confine ao isolamento pessoas como o professor Dr. João de Freitas Guimarães, que teve a possibilidade de cultivar um novo encontro com extra-terrestres. Que se dê ao povo amplo conhecimento dos anseios dos extra-terrestres, os quais teriam sido comunicados a Artur Berlet, de Sarandi, ou ainda a um fazendeiro perto de Brasília, que teve o seu encontro documentado por um seleto grupo de cidadãos munidos de um binóculo e potente máquina fotográfica com teleobjetiva, que documentou tudo (leia bol. nº 69/70, pag. 102). Nada temos a temer aqui no Brasil, porquanto não temos bilhões de ideias de hegemonia espacial nem terrestre. Não temos satélites artificiais em órbita, nem possuímos bombas atômicas armazenadas, para pulverizar a Terra, aniquilando a vida sobre a mesma.

Neste ponto, entretanto, discordamos da pesquisadora (sobre DV) Dna Irene Granchi, que opera na Guanabara, para a organização APRO (dos USA), de pesquisa ufológica. Segundo o jornal "Correio da Manhã" (Rio, 10/9/70), Dna Irene teria declarado que: "...o certo é que não sabemos o que querem (os extraterrestres)..."

Desta maneira, achamos que o Brasil, como nação em desenvolvimento, não deve (no campo ufológico) esperar a "permissão" das grandes nações. Pelo contrário, devemos procurar uma abreviação do ciclo do nosso desenvolvimento, tentando entrar em contato e intercâmbio com os extraterrestres que nos tem visitado. Por serem eles muito mais desenvolvidos que nós, provavelmente esses possíveis contatos, se realizados em bases largas, nos permitiriam um "pulo" de muitos anos à frente, deixando-nos em um nível que atualmente encararíamos com o qualificativo de "utópico"...

d)- Lentamente, compreendemos que as "grandes" nações terrestres só estão interessadas em ficar "maiores" ainda. Foi o próprio Brasil que procurou desenvolver o seu petróleo, depois de muitos anos em que se dizia que ele não existia, ou então se "explicava" que não éramos capazes de trazê-lo à superfície...

Atualmente estamos procurando trilhar o nosso próprio caminho, na questão do petróleo, dos metais raros, no desenvolvimento

das nossas terras, e em especial na imensa região amazônica. De forma análoga, também devemos procurar contato oficialmente (e de modo franco e aberto ao público) com as raças extraterrestres que nos tem visitado, pelo menos com aquelas que tem demonstrado maior similitude conosco, e mais acessibilidade a um eventual intercâmbio. Não queremos acreditar que, como num "jogo de loteria", logo nos chegariam todas as possibilidades que os ricos recursos técnicos dos extraterrestres pudessem trazer no seu bôjo. Entretanto, pelo menos mostrariamos coragem, independência e brio de enfrentar o magno assunto, como até agora nenhuma outra nação (terrestre) ousou fazer. Adviria pelos menos o engrandecimento do Brasil, perante as outras nações, por termos pos-suído "o faro do óbvio", fazendo um contato, um intercâmbio, ou pelo menos uma tentativa.

Uma vez que a Terra faz parte do Cosmo, não poderá fugir, a longo prazo, da convivência com estas outras civilizações que nos tem visitado, especialmente porque elas são superiores a nós, em POTENCIAL, e aportam, no momento, de preferência aqui no Brasil (como tem demonstrado a comparação das pesquisas ufológicas realizadas por investigadores de várias partes do nosso Globo).

e)- Há entretanto no campo da pesquisa a necessidade de um entendimento entre as forças conservadoras e os progressistas, para que os primeiros não combatam eternamente todas as novidades no sentido de fossilizar a pesquisa e que não tachem de agressivo alguém que fale uma verdade nova!

Mas também cabe às forças renovadoras, no terreno da pesquisa, expressarem os seus anseios em uma linguagem mais serena e compreensível, e que não tenham a pressa de verem realizados de imediato os seus sonhos, mas que usem paciência, esperando nascer a faísca da compreensão na mente de outras pessoas, de pensamento diferente, porém bem intencionadas. Há realmente às vezes idéias novas que podem ser chocantes para a nossa filosofia atual. Cite-se, por exemplo, o fato de que a nossa atual ciência (terrestre) é apenas um dos múltiplos de graus pelo qual outras civilizações extraterrestres já passaram, estando agora muito distanciadas de nós (tudo é tão somente função do tempo...). Também poderemos conceber a idéia de que a Terra não é, a bem dizer, "propriedade" exclusiva nossa, mas apenas entregue a nós como empréstimo, para uso-fruto, como seria o nosso corpo durante a nossa vida ou como são os territórios entregues aos selvícolas pelo Serviço de Proteção aos Índios. É sabido que não se esperam abusos das coisas entregues por empréstimo...

Nós pessoalmente não consideramos "má idéia" o fato de nos ocuparmos com idéias novas. O Brasil já demonstrou de sobra esta tendência liberal, quando aqui, um país de tamanho excepcional, houve mistura de muitas raças, conservando-se entretanto a unificação, e usando-se uma só língua. Não sabemos qual o papel que o destino reservou para o futuro do continente sulamericano e para o Brasil, e nem sobre a sua eventual influência no continente africano. Entretanto, sabemos com certeza que não poderemos fugir da realidade atual: a presença de extraterrestres em nossos céus e campos, e a necessidade de os recebermos para podermos conhecer em maior profundidade os seus anseios...

COMUNICAÇÃO: Recebemos, do nosso sócio Estélio H. M. Dantas (atualmente cadete na Academia de Agulhas Negras), uma interessante carta relatando o aparecimento de um OV que foi presenciado, no ar, por dezenas de alunos daquela conceituada escola. A carta é também acompanhada por mais duas outras, de dois colegas do referido sócio, ratificando o depoimento deste. Os três depoimentos estão devidamente assinados e constituem mais um bom documento sobre a problemática dos

DV. Os nossos agradecimentos ao cadete Estélio e aos seus dois colegas, com a promessa de que o fato será relatado em detalhes no boletim próximo vindouro.

...:::

Aterr.

2 - O CASO "VILA-OESTE" - BELO HORIZONTE - M. GERAIS

(Pesquisado e redigido pelo "Centro de Investigação Civil de Objetos Aéreos não Identificados")
(CICOANI - Belo Horizonte - Caixa Postal nº 1 675)

Data da ocorrência: 29.01.70 (5ª feira) entre 19.1/4 e 20,00 horas.

- Entrevistados: 1 - DELOURDES MARIA DE JESUS, solteira, 34 anos, residente à rua Girassol nº 40, bairro Cabana.
- 2 - OSCAR MARTINS DA SILVA, solteiro, músico, residente no endereço acima.
- 3 - MÁRCIA FERNANDES, solteira, estudante, 18 anos, residente à rua Gloriosa nº 139, bairro Jardimópolis.
- 4 - MARIA CÂNDIDA GONÇALVES, casada, dona de casa, residente à rua Gloriosa nº 129.
- 5 - LÚCIA - residente à rua Caviana nº 150, bairro Jardimópolis.
- 6 - RAFAEL VITOR DA SILVA, vulgo "Nô", rua Independência nº 408, mesmo bairro.
- 7 - GUMERCINDO DUARTE, contra-mestre da Fábrica de Fiação e Tecelagem.
- 8 - EXAME DO LOCAL DE POUSO.
- 9 - EXAME E ENTREVISTAS COMPLEMENTARES: JOSÉ FERNANDES, motorista, casado, residente à rua Gloriosa nº 139.

Entrevistadores: Húlvio Brant Aleixo, Alberto Francisco do Carmo e Roberto de Castro Aleixo.

Data da entrevista: 31.1.70, sábado, de 16 às 18 horas.

Acompanhe o itinerário do OANI e da pesquisa, no mapa (fig. nº 3)

A) ANTECEDENTES

Em 31.1.70 o jovem Roosevelt Magalhães compareceu ao CICOANI com um companheiro de pseudônimo Darlan Richard, casado, músico. Este último vinha informar que um jovem amigo e vizinho, de nome Oscar, lhe comunicara ter presenciado, na noite de 29.1, várias manobras de um objeto luminoso estranho, que teriam culminado com o pouso do mesmo em terreno baldio da Vila Oeste. Por se interessar, de longa data, pelo fenômeno "disco voador", o sr. Darlan sentiu-se animado a fazer uma sondagem pela vizinhança, acabando por encontrar algumas pessoas que, além do Oscar, haviam percebido o fenômeno, embora com menores detalhes. O sr. Darlan, além de fornecer pormenores, ofereceu-se para nos colocar em contato com os observadores. Isto foi feito na mesma tarde (31.1.70). A entrevista com o jovem Oscar foi gravada à medida que ele reproduzia o trajeto percorrido enquanto acompanhava as evoluções do OANI.

B) RESUMO DAS ENTREVISTAS GRAVADAS

- 1 - DELOURDES MARIA DE JESUS - Rua Girassol nº 40, bairro Cabana :

Cerca de 19.14h do dia 29 de janeiro, estava no pátio fronteiro da residência, quando viu luz semelhante a "estrela grande", do lado norte, aproximando-se e, em seguida, virando para a esquerda, rumo oeste. Efetuando trajetória retilínea, ao mudar de direção não fez ar

2004

va. Altitude do avião, "quando passa mais alto", velocidade média. "Parecia uma lâmpada vermelha". Logo que viu o objeto, chamou a atenção do Oscar, que reside na mesma casa, abandonando a observação, ao pensar: "Deve ser estrêla que está mudando..."

2) OSCAR MARTINS DA SILVA - mesmo enderço.

"Na hora em que ela (Delourdes) me chamou, eu vim, cheguei aqui na porta e vi, na direção da nossa casa, como que nascendo do infinito, parecendo uma bola de futebol".

Oscar teve a impressão de que "não era coisa conhecida". Era uma bola de luz, de contornos nítidos, com brilho de intensidade média. Vinha na direção da casa, crescendo (aponta para o norte). Virou para o poente, sem fazer curva. Sua cor variava de vermelho para laranja.

Na direção em que surgiu, o céu estava estrelado, limpo de nuvens. Havia céu nublado e chuva fraca do lado oposto (sul).

"Tinha umas árvores na porta (dificultando a visão), subi (para a rua), corri e saí seguindo para ver onde ele ia". O objeto foi baixando rumo Oeste, sempre nítido, sem fazer ruído.

"Sua cor variava assim: após ameaçar apagamento, quando voltava a acender ficava mais alaranjada. Depois, voltava a ficar completamente vermelha e o tamanho aumentava". Essa variação ocorria a intervalos regulares, de um minuto, mais ou menos.

"A velocidade era a de um helicóptero que estivesse observando coisa, assim... lento, lento mesmo!!!

Para manter o objeto dentro de seu campo visual, Oscar percorreu algumas centenas de metros, ora andando, ora parando, ora correndo, sempre em busca de local mais elevado. O objeto chegou na vertical de um morro da Vila Oeste e começou a voltar, mas ou menos na sua direção. Isto o tranqüilizou, pois temia perdê-lo de vista. Sempre de olho no objeto, prosseguiu até o cume do morro, onde se encontram um campo de futebol e duas torres retransmissoras da Rádio Inconfidência.

Ao chegar a uns 100 metros da torre mais próxima, o objeto já estava estacionado a algumas dezenas de metros da mesma, permanecendo absolutamente imóvel e silencioso, a pouca altura do solo. A antena de 60 metros serviu como referência para a estimativa da altitude do objeto, que era de 30 metros, aproximadamente.

Nesse momento, sua luz era alaranjada. "Quando parecia apagar, ia ficando vermelha. No momento de reavivar, ficava alaranjada". Sua luz, forte e uniformemente distribuída, não ofuscava. "Fazia um ar de querer apagar e depois revivia; antes de apagar de todo, revivia".

Sua forma e seu tamanho fizeram-no lembrar um pneu bem grande, de trator. Na expectativa de que o objeto fosse pousar, Oscar avançou até à borda do campo de futebol. Quando viu que ele continuava imóvel no ar, parou e ficou a observá-lo, aproveitando a elevação do terreno.

O objeto estava mais próximo do observador do que a 2ª torre, e na vertical de uns automóveis velhos estacionados numa oficina, a cerca de 250 ou 300 metros.

O jovem não sentiu qualquer sensação corporal, exceto "um pouco de tremor", diante do objeto estranho.

- "Você, então, teve a impressão de que era uma coisa estranha?"

- "Tive. Era uma coisa estranha".

- "Teve medo?"
- "Medo, não. Inclusive eu estava até sentindo vontade de que ele descesse, porque pra mim ele ia descer no morro, pra mim vê. Quando vi que estava parado... eu levantei nas pontas dos pés, pra vê melhor".

Oscar estava no mesmo nível do objeto, porque se achava no topo da colina.

- "Fiquei ansioso, suspenso nas pontas dos pés, pra vê alguma coisa dentro. Não vi, não tinha jeito, era uma espécie de pneu".
- "Estava parado mesmo; ou havia algum balanço?"
- "Não, parado mesmo... paradinho."

Após cerca de 3 minutos de imobilidade, o objeto afastou-se de novo para Oeste, em trajetória retilínea horizontal e velocidade constante, "lenta, mesmo". Oscar começou a descer o morro, a fim de ficar menos distante do objeto, que se afastava amortecendo e reavivando sua luz, a intervalos regulares. Continuou observando, para vê se ele sumia atrás do outro morro. Mas não sumiu: imobilizou-se na vertical dessa colina, sobre o conjunto de casas, denominado "Santa Maria", Vila Oeste. Quando percebeu que, se continuasse descendo o morro, corria o risco de não mais vê o objeto, Oscar parou na confluência de duas ruas.

Após quase 10 minutos de aparente imobilidade, o objeto pareceu afastar-se um pouco; em seguida retrocedeu numa queda em direção ao fundo do vale situado à frente do observador, acompanhando o declive do terreno, aumentando sua velocidade e pulsando sua luz, que "clareava tudo". Ao passar razante à linha férrea, sua luz foi refletida pelos trilhos da mesma. Ultrapassou a ferrovia e pousou em terreno de altitude inferior, num matagal. Tão logo tocou o solo, sua luz apagou e não mais foi vista durante os 15 minutos em que Oscar permaneceu observando, na expectativa de que reacendesse e levantasse vôo.

"Eu acho que, quando ele voltou (para o morro a oeste), estava procurando um lugar que não tivesse luzes de casa, nem nada. Procurando um campo que não tivesse luzes. Em cima das casas tinha (sic) luzes. Então, ele pousou naquela Fazenda." (chácara da família Camargos, a cerca de 600 metros do observador).

Oscar calculou que o ponto de pouso situava-se à esquerda do pequeno córrego que corta pelo meio o terreno baldio. Teve receio de ir até lá, sozinho. "Fui descendo; encontrei um senhor; perguntei se ele tinha visto um disco-voador e ele falou: - "Está ficando louco? Foi, então, à procura de amigos residentes à rua Independência nº 53. Estes comentaram o caso, algo surpresos, mas não se dispuseram a verificar o local de pouso.

-.-.-.-

Seguindo indicação do Sr. Darlan, fomos à casa de uma vizinha que teria percebido o objeto. Ela estava viajando, mas sua irmã informou que outra moça, de nome Márcia, poderia dar informações sobre o fenômeno. Dirigimo-nos à residência desta última.

-.-.-.-

3) MÁRCIA FERNANDES, 18 anos, estudante - Rua Gloriosa nº 139 - Jardimópolis.

- Vi (o fenômeno) entre 7 1/2 e 8,00 h. (da noite), quinta-feira. Meu pai, que estava na varanda, chamou o meu irmão. Vinham correndo. Cheguei a tempo de vê o objeto caindo ali (aponta para o este), perto da fábrica de plásticos".

"Ele vinha passando rápido, caindo. Prêto por cima e fogo... parecia um vermelho assim... bem berrante... Vermelho bem vivo, em baixo. Era do tipo de um balão. Grande, mas redondo."

O diâmetro horizontal era maior do que o vertical (sic). Pareceu-lhe haver "uma parte escura, comprida, por cima". A luz da parte inferior, apesar de muito viva, não ofuscava.

Seu pai, José Fernandes, percebeu o fenômeno por mais tempo e o comentou com a família. Como ele não estava em casa no momento desta entrevista, seu depoimento foi adiado.

No dia seguinte Márcia soube que uma senhora, sua vizinha, também observara o objeto. Dirigimo-nos, então, à casa da vizinha.

4) MARIA CÂNDIDA GONÇALVES, casada, dona de casa, rua Gloriosa nº 129.

Viu por duas vezes, fenômenos semelhantes, na mesma direção: dias 27 e 29 de janeiro.

Da última vez, saindo distraidamente para o quintal, teve a atenção despertada para o lado do poente, onde viu passar lentamente, no céu, "uma tocha vermelha", em vôo horizontal. "Não puz mal-dade" - diz D^a Cândida - pensei que fôsse estrêla mudando de lugar". Mas, ao mesmo tempo, pensou: "mas está diferente".

Continuou olhando e viu o objeto baixar, parecendo cair, ganhando velocidade.

A luz vermelha tinha tom escuro e movimentava-se sobre o morro (conjunto Santa Maria). Era maior do que estrêla, mais ou menos do tamanho aparente da Lua cheia. Forma arredondada e alongada.

Comentou com suas filhas e, depois, com a Márcia. Ao terminar, disse que outra testemunha visual foi a D^a Cacilda, residente no mesmo bairro.

5) Srta. LÚCIA, rua Caviana 150, bairro Jardimópolis.

Na casa de D^a Cacilda fomos atendidos pela Srta. Lúcia, em virtude de a primeira estar enfêrma. Lúcia nada viu, mas informa: "Nô disse que foi balão". Dirigimo-nos à casa do "Nô".

6) RAFAEL VITOR DA SILVA (NÔ), rua Independência 408, Jardimópolis.
"Não vi o balão chegar".

Disseram-lhe que, mais ou menos às 9 horas da noite de 5^a feira, dia 29, um balão caiu sobre o acabateiro do fundo do quintal. Posteriormente viu, em poder do seu primo, uma armação de arame com forma de círculo, com um arame atravessado no meio e uma argola central. A armação estava empretecida pelo fogo.

Nada sabe do caso relativo ao objeto que teria caído ou pousado no terreno da família Camargos.

--- --

O referido terreno fica a cerca de 500 metros da casa de Rafael, do outro lado da avenida Amazonas.

Nosso grupo desce até lá, pede autorização ao proprietário e inicia a prospeção do terreno. Examinado o solo pelo lado direito do córrego, o grupo então passou a examiná-lo do lado esquerdo, cada elemento cuidando de uma faixa, para que nenhum vestígio escapasse. Nada foi encontrado.

Deixamos de verificar apenas uma faixa de terra isolada por uma cerca, o quintal da residência do Sr. Camargos. Este veio juntar-se a nós, durante o exame do solo.

Enquanto isto, o Darlan continuava na sua faina sistemática de perguntar, às pessoas que encontrava, se tinham conhecimento de algum fenômeno luminoso, nas noites anteriores. Subitamente, o Darlan aproxima-se correndo, animado porque encontrava um senhor que vira algo, exatamente na 5^a feira. Dirigimo-nos ao leito da ferrovia e lá encontramos o sr. Gumercindo Duarte, que nos revelou o seguinte:

- a- um "elevador" o transportou do solo ao aparelho;
- b- operação silenciosa do aparelho
- c- no "elevador" e no compartimento havia iluminação forte, difusa e sem focos aparentes;
- d- os membros inferiores e superiores do observador ficaram parcialmente paralizados, tão logo ele visualizou o "farol" do aparelho;
- e- a intensificação da luz ambiente foi relacionada à perda de consciência e a distúrbios visuais de certa durabilidade;
- f- sua cadelinha latia agitada, antes que ele percebesse o aparelho;
- g- os indivíduos estranhos cobriam-se com uma espécie de "plástico", bem ajustado aos respectivos corpos;
- h- emitiam sons breves, agudos, semelhantes a "guinchos de porco";
- i- o observador perdeu a consciência no interior do aparelho, não sabendo a que tipo de experiências foi submetido ali, o tempo de permanência nem a forma pela qual retornou ao leito.

ESTES ASPECTOS NOS PARECEM MUITO COERENTES COM OS REVELADOS PELA LITERATURA ESPECIALIZADA.

1970

-.--.-

- 4 - AMERISSAGEM DE UM DISCO VOADOR FRENTE À AVENIDA NIEMEYER, NA GUANABARA. (SEUS TRIPULANTES, TRABALHANDO NELE DURANTE MEIA HORA OU MAIS, LARGARAM NO MAR DOIS TELEGUIADOS)

INTRODUÇÃO

DIA: 27-6 ?

O fato acima deu-se na cidade do Rio de Janeiro e foi testemunhado por 8 pessoas, pelo menos. Mais uma vez queremos sublinhar as formas de descidas dos veículos de extra-terrestres, entre nós, segundo o esquema delineado por alguns pesquisadores e também por nós no Boletim SBEDV nº 72/73 - pág. 135 - ítem 1-a. Cada vez mais, porém, os extraterrestres transferem as suas atividades para mais perto ou mais para dentro dos nossos grandes núcleos de habitações. Assim, achamos que o título "DISCO VOADOR VISTO NO LEBLON", dado à reportagem pelo "Diário de Notícias" (Rio-28/6/70), não fazia inteiramente jus à importância do episódio. Soubemos da notícia graças à gentileza do Dr. Carlos Neto, que no mesmo dia nos convidou amavelmente a visitar, às 16 horas, a residência de onde foi testemunhado o episódio, à Avenida Niemeyer nº 318.

Lá soubemos que, 5 horas antes, tinha estado no local, em pesquisa, Da. Irene Granchi, que fez boas observações e comparações a respeito do estado climático e da visibilidade referente ao dia do episódio. Teve ela a sorte de presenciar a passagem providencial, no momento da sua visita, de uma lancha, podendo assim estabelecer fortuitas comparações. Tudo isto se passou na presença das testemunhas, conforme consta da pág. 6 da revista norteamericana "APRO BULLETIN" (jul.-Aug. 70), especializada no assunto Disco Voador, e da qual Dna. Irene Granchi é atualmente representante, procurando sondar o que se passa no Brasil, concernente a este assunto.

Por uma coincidência, nós, da SBEDV, naquele dia passamos pelo lugar, na volta de um passeio matinal, embora que aproximadamente uma hora antes do acontecimento. Lembramo-nos que, pela manhã, às 7h, o céu estava ainda bastante nublado. Por este motivo, naquele dia não foi muito grande o movimento de carros de passeio que vão à demanda das praias da Gávea, Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes, bem como às matas das Furnas, Alto da Boa Vista e Jacarépaguá. Pelos nossos cál

culos aproximados, esta movimentação pode atingir, nos domingos ensolarados, a cerca de 1.800 carros por hora. Avista-se um imponente panorama, daquela artéria famosa quase toda talhada na pedra (veja seta preta na foto panorâmica nº 8). Descortina-se o Atlântico em um ângulo de uns 180 graus, e mais ainda as montanhas que cercam o Rio. Entre tanto, para quem está ao volante de um automóvel, torna-se difícil gozar estas delícias na natureza, uma vez que a Av. Niemeyer é relativamente estreita para o grande tráfego, e também toda ondulada ao longo da rocha que ela acompanha, possuindo, de um lado, um barranco, e do outro, um precipício de 30 a 40 m, que acaba no mar, onde já terminaram as peripécias de incautos motoristas. A rocha mantém uma inclinação entre 50 a 80 graus e alcança, no morro dos "Dois Irmãos", a altura aproximada de 500 m. Nos dias de ressaca podemos sentir o estreçamento da estrada, em alguns dos seus trechos, quando os grandes vagalhões se lançam contra a pedra. No trecho indicado (veja nº 4 no mapa nº 7) se acham algumas construções pitorescas acima da estrada, como por exemplo a residência das testemunhas, onde se nota ainda uma ampla varanda (veja foto nº 5) que é estaqueada para o seu suporte na rocha e da qual se vislumbra maravilhoso panorama (veja fotos nº 6 e nº 8, tomadas a partir da casa nº 318). Esta residência situa-se aproximadamente entre 2 a 2,5 km do Leblon e fica entre dois promontórios que impedem a visibilidade do Leblon e do Forte Copacabana, à esquerda, e da praia da Gávea, à direita. No dia indicado foram entrevistadas duas das três testemunhas (adultas): o casal Snr. Aristeu (de cerca de 40 anos - ver fotos nºs 5 e 6) e Dna. Maria Nazaré, a qual já mora no local há 25 anos, estando pois perfeitamente familiarizada com as condições climáticas, geográficas, de panorama, de visibilidade e correntes náuticas. A nossa recepção, no local, foi a melhor possível, uma vez que fomos apresentados pelo Sr. Carlos Netto, do "Diário de Notícias", jornal que foi o primeiro no Rio a tratar do assunto DV com certa constância e sempre com seriedade e serenidade. A terceira testemunha adulta, o agente da Polícia Federal, Sr. João Aguiar, não se achava na sua residência (nº 210 da mesma Avenida), mas foi posteriormente por nós entrevistado várias vezes, o que resultou nos comentários que aparecem mais adiante. O casal possui nove filhos (3 já casados), dos quais cinco testemunharam o episódio: Creuza, de 23 anos; Consuelo, de 14 anos; Rosemary, de 10 anos; Margarida, de 8 anos; Cátia, de 5 anos. Estas 5, porém, não foram inquiridas por nós. Considerando tudo isto, o "Diário de Notícias" poderia ter feito um grande "furo" jornalístico a respeito do episódio, e também ter deixado a reportagem, logo de início, aos cuidados do jornalista Carlos Netto, que é um conhecido "expert" no assunto DV.

O EPISÓDIO

Foi o seguinte o relato, de Dna. Maria Nazaré, confirmado, nas linhas essenciais, pelo seu marido: Estava ela na cozinha, ocupada com o preparo do almoço, e de vez em quando ia à varanda (veja foto nº 5) para observar os seus familiares divertindo-se com um pequeno jogo juntamente com o Snr. João Aguiar. Em certo momento, indagou as horas: eram 11h e 38 minutos. Cerca de dois minutos mais tarde, tendo levantado a cabeça para olhar a paisagem, o Sr. Aguiar chamou a atenção dos demais: "... que uma lancha tinha batido na água" (no seu baque, viu-se a água esguichando para todos os lados, como fomos informados mais tarde, pelo próprio Snr. Aguiar). A essa altura, o joguinho de divertimento passou para segundo plano. Desenvolveu-se então uma polêmica para se avaliar, conforme Dna. Maria, "... se a lancha (do tamanho de um automóvel), precisava de socorro; uma vez que havia dentro dela dois banhistas... fazendo sinais"... O Snr. Aguiar argumentou que na verdade havia na embarcação (veja o seu croquis em "A" da fig. nº 4), 2 pessoas com roupas brilhantes e "uma coisa na cabeça". Entretanto, estas 2 pessoas estavam como que trabalhando acima da coberta da embarcação (que era de cor cinza metálica e tinha de 4 a 6 m de comprimento). Mas em vista dos fortes argumentos do "sexo fraco", venceu a

Dna. Maria Nazaré, quando se dirigiu ao Snr. Aguiar, com as seguintes palavras: "O Senhor deve providenciar socorro para esta lancha e os seus ocupantes!" Incontinenti, o Sr. Aguiar dirigiu-se a pé, ao "Mar Hotel", aproximadamente a 1 km da residência de Dna Maria Nazaré, em direção ao Leblon, a fim de falar ao telefone.

Enquanto isso, a Dna. Maria procurava observar com mais cuidado o "objeto de sua preocupação", que se achava localizado na linha divisória entre as águas escuras do litoral e as águas mais claras do oceano aberto. Esta linha é também visível na foto panorâmica nº8 (por falta de conhecimentos náuticos, julgamos esta linha como sendo proveniente de um reflexo de iluminação do céu e da proximidade da plataforma do fundo do mar, que ali talvez apresentasse uma queda maior). Uma vez que no mar não há pontos intermediários de referência, torna-se difícil o cálculo de uma distância maior. Entretanto, se as testemunhas dispusessem de um telêmetro, com facilidade poderiam ter lido a distância entre a margem e a linha divisória de águas, bem como se esta era fixa ou móvel. Embora o jornal tivesse mencionado a distância desta linha como sendo 500 m da margem, a mesma poderia ter sido estimada em torno de uns 700 m, sem se poder garantir com exatidão. Talvez com boa razão Dna. Irene Granchi tenha citado em sua pesquisa (APRO Bull. Julho, Ag. 70) que a referida linha divisória distava uns 1.000 m da margem. Quem entretanto conhece o efeito do mormaço das nossas praias, e quem conhece as leis da refração, bem poderá imaginar a dificuldade que se tem para vislumbrar com nitidez um objeto que se ache localizado dentro da massa d'água, a qual atua como um ofuscante foco secundário de luz, quando espelha o sol e o céu naquele local. Desta forma, relatamos aqui as duas versões, (a de Dna Maria e a do Snr. Aguiar) a respeito da localização dos tripulantes, embora que aceitemos a terceira, de Dna. Irene Granchi, que disse que o objeto estava coberto por uma cúpula transparente,

Durante a nossa entrevista com o Snr. Aguiar, testamos aproximadamente a sua visão, porquanto êle distinguiu perfeitamente uns arbustos na crista de um morro que se vislumbra de sua residência. Também os esforços visuais de Dna. Maria Nazaré merecem uns comentários, porquanto usou os seus óculos (lente que estimamos ser de 1,5 a 2 ... graus), que lhe servem para a costura, e que manteve inclinados a certa distância dos olhos (observe-se a seta na foto nº 6), para assim conseguir o efeito substitutivo de uns binóculos de baixo poder, de aumento, como aqueles usados em teatro de ópera. De fato, nós mesmos, quando experimentamos este esquema, conseguimos melhorar a nossa própria visibilidade, uma vez que também usamos óculos de grau, para perto e para longe. Uma outra explicação seria a de que o poder de refração da cúpula, (conforme citado na interpretação de Dna. Irene Granchi), pelo efeito do campo energético ao redor do objeto, teria sido muito fraco, sendo percebido só à custa de muito esforço visual. Fomos informados adicionalmente de que o objeto aproximou-se mais uns 100 metros da margem e se localizou acima de um ponto (da água) especialmente escuro, que sempre ali existiu. Isto foi feito sem ruído e também sem o característico movimento de "jôgo", conforme acontece com um barco sobre as águas. O objeto permaneceu assim por um período de 30 a 60 minutos, pois, na sua ascensão, foi ainda visto pelo Snr. Aguiar (o qual perdeu, no máximo, 25 a 35 minutos nas suas andanças ao Hotel, para uma chamada telefônica).

Antes de o objeto levantar vôo, o Snr. Aguiar o viu primeiramente planando uns 300 metros na água, fazendo as características "jôgadas" para os lados, como acontece com as nossas lanchas rápidas de corrida. Somente quando o objeto saiu da água descrevendo um arco para cima (veja em "B" do croquis nº 4), na direção sudeste, é que as testemunhas perceberam não se tratar de uma simples lancha, mas sim, de um Disco Voador.

Na foto nº 8 foi inserida pelo Snr. Aristeu, gentilmente para a SBEDV, a curva de ascensão, conforme presenciada pelas testemunhas. Quando o objeto fez o vôo de subida, e também durante os fenômenos seguintes, ficou bem demonstrado o espírito observador de Dna. Maria Nazaré. Esta viu, na ascensão do Disco, na parte inferior do mesmo, um corpo hexagonal ("conforme uma fruta chamada caranbola") em rotação e no qual estavam prêsas várias luzes coloridas. Estas acendiam sempre na seguinte sequência: verde, amarela clara e vermelha (veja o sentido da seta na figura nº 4 - croquis "C", da testemunha).

Quando estava na água, o objeto se mostrava com a aparência de alumínio; agora porém, no ar, apareceu transparente. Então Dna. Maria vislumbrou, de baixo para cima, dois tripulantes sentados dentro da nave (veja croquis "C" da fig. nº 4). Em poucos instantes entretanto, pela sua rapidez, a nave já havia saído do campo visual das testemunhas. Nenhuma destas percebeu ruído que pudesse provir do engenho, embora que fôsse esparso o tráfego de veículos naquela hora e naquele trecho da estrada, havendo assim pouca interferência na captação de sons. Também o mar naquele dia estava calmo e portanto as ondas não produziram barulho que pudesse atrapalhar a observação do fenômeno. No local da amerissagem ficou entretanto um "aro branco, do tamanho de um caixote" (comparação usada por Dna. Maria), o qual afundou depois de pouco tempo. Quando apareceu de novo (o aro), dele separou-se um corpo amarelo de formato aproximadamente elíptico (veja croquis "D" na fig. nº 4, que fizemos segundo explicação de Dna. Maria), com o diâmetro maior tendo aproximadamente 40 cm, ficando com cerca de 20 cm emergido da superfície da água. Este objeto, depois de ter ficado parado cerca de 3 minutos, dirigiu-se lentamente para a terra, com o seu eixo maior em direção à casa das testemunhas. Na extremidade mais afastada, do objeto, havia uma franja esverdeada que mais tarde se destacou do corpo principal (amarelo) e o seguiu a uma distância de uns 80 cm. (veja croquis D1 e D2 na fig. nº 4). Após uns 15 minutos (conforme cálculo de Dna. Maria Nazaré), o objeto chegou até cerca de 120 m, da terra, e deu uma guinada em ângulo reto (ver seta "b", no mapa nº 7), para a esquerda, rumando em direção à praia da Gávea, acompanhando a margem da rocha e dela afastado sempre mais ou menos da mesma distância. Este movimento se deu em sentido contrário à corrente marinha que naquele momento passava pelo local. Então Dna. Maria desceu da sua casa, para a estrada, procurando seguir o objeto, junto a uns garotos que ali estavam e aos quais ela apontou o objeto o qual os meninos procuraram atingir com as suas pedradas, mas sem sucesso. Passaram-se assim uns 10 minutos, quando o objeto desapareceu das vistas do grupo, ao contornar o promontório da rocha (ver seta preta na foto nº 8, e seta "4-C" no mapa nº 7), a uns 500 m da residência de Dna. Maria.

O objeto (aro) branco entretanto não tinha sido perdido de vista, porquanto após novos desaparecimentos ele voltava à tona, mas sempre em um ponto mais próximo da praia da Gávea, como se lá fôsse encontrar-se com o objeto amarelo (veja seta 4-b no mapa nº 7). Este objeto branco foi assim observado por cerca de 20 minutos, nas suas andanças e mergulhos sucessivos, quando enfim também saiu do ângulo de visão, escondido pelos acidentes topográficos locais. Deste modo, as testemunhas, que interromperam o passatempo (um joguinho) às 12 h, só o retomaram às 15 h, quando toda a observação cessou. O almoço entretanto foi naquele dia servido somente às 17 horas, com um atraso, pois, de 5 horas, causado pela visita de extraterrestres.

A respeito do telefonema do Sr. Aguiar, podemos informar que foi dirigido à Polícia Marítima, localizada perto do aeroporto do Calabouço, no centro da cidade. Assim, a chegada de socorro marítimo teria demorado no mínimo uma hora. Este posto policial, depois de confirmar o número do telefone do aparelho do seu colega Federal (Snr. Aguiar), prometeu socorro. Qual entretanto não foi a surpresa do Snr. Aguiar quando, após somente 20 minutos de espera, viu aproximar-se em alta velocidade, em direção às ilhas Comprida e Planas, uma lancha, que

muito bom poderia ter tido o seu estacionamento no Forte de Copacabana (veja nº 2 no mapa nº 7). Ignoramos se a tripulação desta lancha ainda presenciou a decolagem do objeto, mas é de se supor que sim, por quanto não achou mais necessário alcançar o ponto donde levantou voo o objeto e onde agora se achava flutuando o aro branco. A lancha deteve-se a 1 km aproximadamente daquele local. Então, tôdas as testemunhas citadas (na residência nº 318, da Av. Niemeyer) viram que a tripulação da lancha teve muita dificuldade em içar para bordo um objeto vermelho, de forma cilíndrica, provavelmente devido ao grande peso. Logo depois disto, a lancha regressou velozmente na direção de onde tinha vindo.

Comentários e Hipóteses

Não podemos, "a priori", atinar com o sentido da amerissagem dos extraterrestres. Seria para examinar certas condições locais pelas sondas que largaram? Seriam peças sobressalentes para uma das suas bases à qual se teriam dirigido automaticamente? Seriam dois dispositivos automáticos que, submersos ou flutuantes, poderiam transmitir reações psicológicas das testemunhas da residência nº 318, e mais tarde também dos banhistas das praias da Gávea e da Barra da Tijuca? Seriam estas sondas recolhidas mais tarde, ou se perderiam nas profundezas do mar? Seriam engenhos que a longo prazo influenciariam na psicologia humana (terrestre)?

Relatos Paralelos

1969 1970
DEZ - JAN

A propósito do episódio em causa, vamos citar outros relatos:

1º) - Do próprio Snr. Aristeu, testemunha do caso da Av. Niemeyer:

O fato se deu cêrca de 6 meses antes, com Dna. Altair, que na ocasião residia na mesma casa (Av. Niemeyer nº 318), da qual entretanto já se mudou. Esta relatou numa certa manhã, a todos os moradores, que, durante a noite, quando saiu do seu quarto para a varanda, às 2h aproximadamente, vislumbrou na pedra ao lado da casa um clarão que imaginou ser um reflexo da luz dos lampeões da rua. Entretanto, teve de modificar este conceito, quando esta claridade subitamente subiu deixando ver então um jogo de luzes de diversas cores. A essa altura, Dna. Altair compreendeu que tinha sido um Disco Voador o objeto presenciado por ela.

2º) - Caso citado no bol. SBEDV, nº 54 - pag. 17 - fig. 1 a 7:

Em 16/17-3-66, médicos de um hospital na Barra da Tijuca (veja nº 8 no mapa nº 7, no presente Boletim) presenciaram as manobras de um DV sobre as pedras do Marisco e da Gávea, tendo o mesmo recolhido então 2 teleguiados. (veja mapa nº 7, respectivamente locais Nºs 7 e 6, no presente boletim).

3º) - Caso da ilha Cagarra (citado no Bol. SBEDV, nº 55/59, onde erroneamente apareceu o nome Cigarra).

4º) - Caso citado no bol. SBEDV nº 55/59 - pág. 13 - Novo aparecimento de DV na pedra da Gávea, onde extraterrestres aparentemente estudaram, durante uns 15 minutos, a psicologia dos médicos e o funcionamento do hospital Lourenço Jorge.

5 - ATERRISSAGEM DE UM DV EM MAGALHÃES BASTOS

(GUANABARA)

1 rev: carta 30-8-70

Através de alguns sócios e de pessoas interessadas no assunto, a SBEDV soube que houve freqüentes sobrevôos de DV no morro "Curral das Águas", e em outros, nas vizinhanças de Realengo (veja seta branca na fig. 15-A).

Soubemos de 3 sobrevôos por aqueles locais: um em 19-8-70, às 20h 30min, outro em 20-8-70,¹ também às 20h 30 min, e um terceiro em 30-9-70, às 19h 30 min. Os dois últimos não relataremos aqui, porque não nos foi possível pesquisar. Exporemos apenas o primeiro mencionado:

Puzemo-nos em campo no dia 22/08/70 e bordejamos, naquela região, as residências que tivessem maior campo visual. Então, às 16h e 45 min, conseguimos encontrar uma das testemunhas, de nome C.A.S., residente em Magalhães Bastos, de 19 anos de idade, e que nos revelou o seguinte: No dia 19/8/70 (quarta feira) estava de passeio com um amigo, às 20 h e 30 min, quando viram, nos fundos da Base Aérea Militar ali existente (não sabemos se dentro ou fora da cerca da base), na região dos morros dos Afonsos (ver seta preta na fig. 15-A), um objeto arredondado com bastante jôgo de luzes de cores diferentes, na sua cúpula. Na fig. 15-C 1, o objeto como desenhado pela testemunha que entrevistamos; em 15 - C3, conforme desenho do pesquisador, segundo a descrição da mesma testemunha. O objeto estava perto do chão, quando as luzes se acendiam ritmicamente em algumas partes do mesmo, enquanto noutras se apagavam. Este jôgo de luz se alternava constantemente. Apareceu finalmente na parte inferior (assim o compreendemos pelo desenho 15 C1, da testemunha) uma luz fortíssima que ofuscou tudo e impediu que o objeto fôsse olhado de frente. As testemunhas então se aproximaram do local e puderam presenciar a aterrissagem: O objeto ficou por uns 5 minutos a 1 ou 2 metros do solo, quando finalmente apareceram umas pernas (4 estacas) que se apoiaram no piso. O corpo do objeto tinha um diâmetro de 15 m aproximadamente, e uma altura de uns 4 metros e meio. Suas luzes ficaram acesas durante uns 5 minutos, e depois apagadas durante meia hora aproximadamente. Então foi notada a descida de uma escada (fig. 15 C2 e 15 C4) que ficava presa, de um lado, (no objeto pousado) aparentemente a duas correntes. Nesse momento, as duas testemunhas correram. Quando voltaram ao local, após 15 a 20 minutos, não acharam mais o objeto. No dia seguinte, pela manhã, a testemunha que entrevistamos voltou ao local e pôde notar, no "caminho que leva à estrumeira" (veja croquis nº 15 B, da testemunha), quatro marcas no chão, em forma de semi-lua, evidentemente deixadas pelos 4 suportes do aparelho, ao aterrisar.

-.--.-.

6 - INCIDENTE COM UM DISCO VOADOR NA REPRÊSA DO

FUNIL - ITATIAIA - ESTADO DO RIO

DIA 30-8-70

INTRODUÇÃO

Um comentarista da TV GLOBO (Canal 4 - Rio) alertou a opinião pública a respeito de um incidente, de um guarda de segurança (Sr. Almiro Martins de Freitas) da Reprêsa do Funil, com um Disco Voador. Agradecemos por termos sido informados sobre isto, na mesma hora, pelo Dr. Paulo Manzo, ex-presidente da SBEDV e atualmente um dos Diretores do Observatório do Valongo (na Guanabara).

A notícia dizia que o guarda tinha sido cegado pela forte luz que emanava de um DV, após ter disparado três vezes o seu revólver contra aquilo que denominava de "coisa com luzes suspensas acima

da Reprêsa do Funil". Nessa mesma época, antes e depois do incidente, houve também outras aterrisagens (de DV) na área da Guanabara, as quais entretanto nenhuma repercussão tiveram no seio do público, embora também se revestissem de importância (leia os itens B-4 e B-5, neste boletim), mas não lograram alcançar a imprensa por razões que aqui não nos compete analisar hoje. De outro lado, foi boa a cobertura que a imprensa deu ao "caso do Funil", dentro do possível, naturalmente, uma vez que o protagonista ficou recluso uns dias no hospital, para poder seguir um delicado tratamento prescrito com muito acerto pelos seus médicos, os Drs. Sampaio (oftalmologia), Paes Barreto, Mário M. Torrinho e Orlandini Fonseca. Tivemos grande prazer e satisfação de entrar em contacto directo com o Sr. Almiro Martins de Freitas (veja fig. nº 20), para receber o seu relato, de viva voz. Almiro é pessoa inteligente (que rapidamente conseguiu situar-se dentro do problema), de fino trato, o que não é de surpreender quando se sabe que o mesmo é descendente (tetraneto) de José Bonifácio de Andrada e Silva (patriarca e Conselheiro do Imperador Pedro II).

Para orientação do leitor estudioso do assunto DV, citamos em seguida as seguintes reportagens cariocas sobre o caso:

"ÚLTIMA HORA": "Mistério no Hospital. Isolada a vítima do raio espacial" (4/9/70); "Vítima do raio depõe em sigilo. Há pânico em Itatiaia" (5/9/70); "Interditada a área do pouso do DISCO. Mais seis viram" (8/9/70); "Vítima da luz do céu voltou a ver" (12/9/70); "Recebeu alta o guarda que LUZ DO CÉU cegou" (15/9/70); "O DIA": "Outros já viram o clarão que cegou o vigilante" (4/9/70); "Vítima do clarão afirma: Atirei e acertei na COISA" (6/9/70); "Vigilante já teve alta" (14/9/70); "O GLOBO": "Silêncio no enigma do raio que cegou guarda da barragem" (4/9/70); "Raio que desce do espaço cega o vigia da barragem" (3/9/70); "Guarda fica curado mas tem pavor de rever luz espacial" (16/9/70); "CORREIO DA MANHÃ": "Vigilante que avistou DV terá alta" (9/9/70); "Almiro conta como DISCO o cegou" (16/9/70); "DIÁRIO DE NOTÍCIAS": "Homem do Disco Tem Alta Com Boa Visão" (15/9/70).

Entrevistamos o guarda por 3 vezes. Tem êle bom grau de instrução (informou-nos ter o curso científico), o que o capacitou a servir na "divisão de instrução de vôo", na Escola de Aeronáutica, durante 3 anos (1956 a 59). Nasceu em Jacarépaguá, de pai oficial da Aeronáutica, Patrício Martins de Freitas, e de Da. Maria Hermelina. Estudou no Rio e também em Porto Alegre. Casou cedo, o que impossibilitou que continuasse a estudar. Possui 3 filhos e gosta muito de música nas horas vagas. Já foi até professor de música e fez algumas composições. Achamos oportuno citar todos estes pormenores, para mais bem situar o leitor como juiz das reações psico-físicas resultantes do incidente com o nosso protagonista. Ele tem um físico avantajado e era empregado há 4 meses como guarda de segurança da reprêsa do Funil, na cidade de Itatiaia (que fica mais ou menos a meio caminho entre Rio e S. Paulo na rodovia BR-2). Para dar uma idéia mais precisa a respeito do local, transcrevemos a seguir alguns trechos do folheto de informações da Central Elétrica de Furnas S.A., uma subsidiária da Eletrobrás: ... A "USINA DO FUNIL" (veja fig. nº 19) dista 160 km do Rio de Janeiro. É constituída pela barragem principal de concreto em abóbada, tem uma altura máxima de 85 m. Seu comprimento é de 360 m de coroamento. A "casa de força" foi construída em curva, para adaptar-se à forma da barragem. Há 3 unidades geradoras... As turbinas giram a uma velocidade de 163,6 rotações por minuto e têm potência de 100 000 cavalos-vapor. Os geradores foram projetados para uma capacidade de 90 000 kVA com fator de potência de 0,80 e geram energia em 13,8 kV. Esta tensão é elevada para 138 kV por meio de um banco de transformadores. Situada na margem direita do canal de fuga, a subestação (veja em "S" na fig. 19 e fig. nº 16) de 138 kV possui equipamento de manobra, proteção e medição para as linhas de transmissão. Existem 2 saídas: uma para a subestação de Pombal e outra para a de Saudade, ambas pertencentes ao sistema da "Light S.A."...

O ACONTECIMENTO

Na noite do dia 30 de Agosto de 1970, Almiro foi levado junto com mais 10 colegas, no carro da reprêsa, para substituir os guardas que estavam de serviço. Depois de uma parada da "casa de força" Almiro foi o segundo a saltar, perto da casa da subestação onde rendeu o seu colega, de apelido "Passarinho". Conforme as instruções, foi controlar em seguida, nas suas caminhadas, as seguintes localidades que estão assinaladas no mapa (confeccionado amavelmente pelo próprio protagonista, para a SBEDV): Foi até o rio Paraíba (fig. 19-A), depois até os transformadores (fig. 19-T) de lá à encosta do barranco ("B" nas fig. 16, 17, 19) que apoia a estrada que conduz à crista da barragem (fig. 19-D). Este barranco fica a 10 metros acima do nível da subestação (fig. 19-S), a qual servia como base das atividades do guarda neste perímetro. Voltando à subestação, pegou no fone pela janela e, ligando para a "Casa de Força" (fig. 19-F), identificou-se ao operador de lá, com as seguintes palavras: "É o Freitas que está na subestação... faz aqui um frio tremendo... que horas são? (eram 21h e 36 min.)... vou tomar um café". Para maior esclarecimento do leitor: Era um dia frio, chuvoso, embora que as grandes chuvas, que duraram os 5 dias precedentes, já tivessem parado. Almiro, tendo largado o telefone, encaminhou-se para dentro da subestação, onde tomou o seu cafézinho. Acendeu um cigarro, depois foi ver os transformadores, voltando à subestação. Tomou mais um café e acendeu outro cigarro que acabou fumando do lado de fora, perto da janela, onde também o apagou com cuidado. Em seguida passou por trás da subestação, num caminho entre ela e a barraca que geralmente contém algumas roupas de trabalho e ferramentas. Escutou então alguns estouros nos transformadores, e deles viu faíscas pularem para o chão, como naturalmente às vezes acontece quando "a carga pula para a terra" (expressão usada pelo protagonista). Imaginou que o operador "operava na casa de força", o que podia provocar esta interferência nos transformadores da subestação. Olhou em seguida para dentro da barraca onde nada havia além do material já mencionado. Voltou ao seu posto da subestação e acendeu o seu 3º cigarro perto da janela, do lado de fora. Em seguida foi andando para o rio Paraíba e de lá seguiu pela estrada, olhando para a direção da "casa de força". Foi quando escutou outro "estouro" pelo lado dos transformadores, mas desta vez duma intensidade toda fora do comum, de tão forte que era. Logo as lâmpadas (das quais muitos postes são distribuídos conforme a fig. 17-M) de vapor de mercúrio se apagaram e ré-acenderam em fração de segundo.

Estava agora plenamente com a sua atenção mobilizada e alarmado olhou então para os seguintes locais, em seqüência: "Casa de Força", crista da barragem, estrada do paiol. Nada de anormal foi notado até então. Quando o seu olhar voltou outra vez para a crista da barragem, avistou entretanto, acima dela, uma fileira de luzes de cores diferentes, as quais estavam aproximadamente a 60 metros de distância dele. As luzes eram de cores diferentes e oscilavam (piscavam) uniformemente, ficando todas ora mais fortes, ora mais fracas, durando cada fase aproximadamente 1 segundo, e um ciclo completo, uns 2 segundos. Resolveu aproximar-se mais, passando entre a barraca e o prédio da subestação. Quando ficou de novo com as "luzes" no ângulo da sua visão, teve as seguintes alternativas: esconder-se, correr do desconhecido, ou enfrentá-lo. Decidiu-se pela última. Caminhou adiante, sentindo os olhos "como que fixamente presos às luzes", quando pôde distinguir, ao aproximar-se mais, que estas luzes pertenciam a um objeto suspenso acima do barranco, porquanto percebeu a claridade de um poste de iluminação (ver "P" nas fig. 18 e 19) projetada por baixo do objeto (que então devia estar flutuando a cerca de 1 metro do chão). Como guarda de uma reprêsa importante, sentiu a responsabilidade de evitar qualquer sabotagem de forças terrestres subversivas (que pensava que fossem no caso). Mas também se lembrou das comunidades de Rezende, Itatiaia e Engenheiro Passos, as quais seriam destruídas sumariamente com uma possível detonação do dique da reprêsa do Funil, com a perda

de muitos milhares de vidas. Então, resolveu que era preferível morrer sozinho, se com a sua morte pudesse salvar as inocentes vidas de seus concidadãos. Até então ele desconhecia por completo a existência de forças extraterrestres e superiores a nós terrestres, embora já tivesse ouvido falar pela imprensa, meio jocosamente, da existência "dos tais Discos Voadores". Então abaixou-se e começou a rastejar em direção ao barranco, não despregando mais os olhos das luzes do objeto, como que firmemente atraídos por elas. Viu então que eram uma espécie de "vigias quadrangulares", de aproximadamente 1 m de comprimento por 80 cm de altura, porém com os 4 cantos curvilíneos (e não agudos), e que apresentavam uma estranha cintilação. Eram 15 ao todo, aproximadamente, enfileiradas ao mesmo nível e espaçadas entre si, por uns 30 cm. Quando chegou a uns 5 m de distância do barranco, e aproximadamente a uns 11 a 13 m do objeto, Almiro levantou-se e sacou da sua arma (um revólver Taurus 38, carga dupla). Fez pontaria entre a primeira e a segunda "janela" do objeto, um pouco abaixo do seu alinhamento horizontal (veja seta no croquis nº 18, feito pelo Sr. Almir), e acionou o gatilho, saindo assim o primeiro tiro. Não ouviu o ricochete, porém houve uma resposta imediata, uma vez que se deu uma aceleração nas oscilações das luzes, as quais também se tornaram mais intensas. Depois do tiro, Almiro abaixou o seu braço, porém ficou com medo pela reação do objeto. Então levantou a mão de novo, após 2 a 3 segundos, e atirou pela 2ª vez contra o objeto. Aí então houve novidades: As oscilações luminosas tornaram-se tão rápidas que não pareciam mais se apagar. Almiro começou a ouvir um ruído parecido com o de uma turbina de avião a jato, porém muito agudo e muito forte, o que o fez ficar surdo em poucos momentos. O seu braço estava ainda estendido, após a sacudidela do 2º tiro, e os olhos bem abertos. Almiro estava prestes a puxar o gatilho do seu revólver, pela 3ª vez, quando veio na sua direção um raio de luz que saiu de um ponto à esquerda da última janela do objeto (veja croquis nº 18, do Sr. Almir). Pelo que pôde deduzir mais tarde, aquele ponto deveria estar na parte dianteira do objeto voador (de cuja existência Almiro não havia se apercebido naquela ocasião). Este raio de luz era prateado e tão violento que Almiro teve de fechar os seus olhos na mesma hora, ocasião em que estava também detonando a sua arma pela 3ª vez. Não escutou o tiro que deu, porquanto ficou surdo, mas sentiu imediatamente que seu corpo foi invadido por uma fortíssima onda de calor, tendo julgado que sua temperatura ultrapassou a 40º C. Em consequência, logo sentiu o seu corpo invadido por uma dormência generalizada, como o que acontece, por exemplo, com um dos membros inferiores, quando fica cruzado por muito tempo. Quiz baixar o braço mas não pôde, porque sentiu todo o seu corpo endurecido, por alguns segundos, sem poder entretanto precisar o tempo decorrido (que lhe pareceu longo). Em seguida sentiu o seu corpo ser invadido por "uma onda refrescante", como se fôsse "ar condicionado", no sentido da cabeça para os pés. Sentiu que seu corpo estava todo banhado de suor, quando começaram a lhe voltar os movimentos, o que também se deu de cima para baixo (os braços e as mãos foram os primeiros a serem libertados). Continuou com as pálpebras cerradas, até sentir o esfriamento do corpo todo, quando então abriu os olhos.

Apercebeu-se então de que nada enxergava e assim culpou o raio pela sua cegueira. Achou prudente não caminhar para longe, porquanto sabia que a uns 30 m achavam-se, de um lado, o rio Paraíba, e de outro, os transformadores de energia elétrica. Assim sendo, fez uso do seu apito, alternadamente com seus gritos de pedido de socorro. Entretanto, não ouvia bem os seus próprios gritos, porque estava ainda meio surdo em consequência do forte zumbido que tinha sido emitido pelo objeto.

Mais tarde, após um tempo que poderia ter sido de uns 5 minutos (que lhe pareciam horas), escutou como que de longe um carro aproximar-se, e depois afastar-se. Após um tempo que lhe pareceu de novo ser de uns 5 minutos, chegou outro carro com gente, porquanto havia gritos como se fôsem de muito longe (em virtude da sua surdez aparente): "É o Moura, da casa da força, que está aqui - jogue a sua arma no chão, oh Freitas-!...

Mas, apesar desses apelos, Almiro continuou a gritar e apitar. Quando se sentiu porém agarrado, gritou para aquele que o pegou: "Não olhe para cima que você vai ficar cego também como eu". Em seguida jogou no chão a sua arma e foi levado para o carro, meio arrastado, pela dificuldade que sentia em usar as suas pernas, que estavam sem controle ainda.

Aí começou em seguida a odisséia da procura, nas cidades de Itatiaia e Resende, de um médico especialista que porém não foi encontrado no momento. Pernoitou aquela noite no alojamento da represa, para poupar o susto à esposa, porquanto continuava cego e estava com a sua roupa toda enlameada. No dia seguinte foi levado pelo seu chefe à presença da sua esposa, que se sobressaltou bastante. Depois foi conduzido pelos quatro cantos da cidade, sempre com as mesmas dificuldades, à procura de recursos médicos locais, que entretanto não foram encontrados. Após um telefonema à sua chefia no Rio, foi pedido por esta o seu imediato embarque para cá, o que se realizou no dia seguinte, 1º de Setembro. Ficou então a noite anterior (dia 31) dormindo ainda na sua própria casa, em Itatiaia. Embarcou para o Rio, de manhã, às 10h e 30 min, no ônibus Cidade do Aço, tendo sido levado primeiro para a chefia do seu serviço, o SESVI (SERVIÇO ESPECIAL DE SEGURANÇA E VIGILÂNCIA), para depoimento. Aí lhe foi oferecido um almoço, mas não o aproveitou porque perdeu a fome, o olfato e o paladar. O seu corpo lhe parecia algo leve, e por isso procurava sempre segurar em algo, nas suas caminhadas. Ainda prestou depoimento no Ministério da Aeronáutica após contato (por telefone) com o Comando da 4ª Zona Aérea (São Paulo), que possui equipe especializada no assunto DV, para onde também teria sido encaminhada uma cópia do seu relatório. Foi atendido no dia 1 de Setembro, às 17h, no hospital da Cruz Vermelha, seção do INPS, pelo médico oftalmologista Dr. Sampaio. Este informou-nos que nada de anormal tinha visto nos olhos do paciente, além de uma certa irritação das conjuntivas, mas assim mesmo determinou a baixa hospitalar. O paciente, dia seguinte (quarta-feira, 2 de Setembro), teve a visita médica dos Drs. Paes Barreto e Orlandini Fonseca (este último deu-lhe assistência no seu tratamento e conseguiu-lhe a cura). Almiro lembra ainda que o Dr. Orlandini lhe pegou o pulso e disse que estava com a frequência de 120 batidas por minuto.

A testemunha tem 1,76 m de altura e pesava 75 kg antes do episódio, tendo emagrecido cerca de 8 kg um mês depois. As nossas perguntas, respondeu que só urinou no 2º dia após o incidente (tendo ficado pois 2 dias sem urinar: de 21h e 50 min, de domingo, até 18h da 3ª feira).

Comentários da própria testemunha, "a posteriori"

Em conversa com Almiro soubemos ainda que este, mais tarde, ficou em dúvida se teria passado por baixo da "coisa", porquanto nas suas andanças passou antes pelo mesmo local onde mais tarde avistou o objeto. Lembrou-se que ali "sentiu o ar mais quente", apesar de ser um dia frio -- e houve também, no ar, como que uma trepidação --.

Almiro pôde também depois reconstituir algumas das cores que apreciou: A primeira cor à sua esquerda era semelhante ao amarelo de uma lâmpada elétrica cujo brilho enfraqueceu. Assim também eram todas as luzes ímpares, como por exemplo a 3ª, 5ª, 7ª, etc., etc.. As de ordem par eram diferentes, e Almiro lembrou-se das seguintes: a 2ª, azulada; a 4ª, alaranjada; a 6ª, um vermelho-tijolo; a 8ª, esverdeada. Lembra ainda de um róxo muito bonito. Era um espetáculo atraente para os seus olhos, quando todas essas luzes oscilavam silenciosamente no ritmo acima delineado.

Ficamos curiosos em saber a forma do objeto voador. Pensamos que a testemunha, pelos diferentes ângulos de visão, e pela pequena distância a que ficou do objeto, quando se desenrolou o tiroteio, deve ter tido uma impressão mais precisa do que aquela externada no desenho nº 18. Neste desenho se verifica a linha de contorno do veículo,

notando-se um maior ângulo de ascensão do ponto que se presume estivesse mais perto da testemunha. De fato, a testemunha apresentou uma certa dificuldade em se expressar por meio de um desenho (planta baixa). Entretanto, uma vez que foi superado este pequeno problema, chegamos a saber que a nave era alongada, em forma de "charuto" (veja croquis da testemunha na fig. nº 16), com uma extremidade voltada para a testemunha. O objeto estava flutuando atravessado sobre a estrada, e seu extremo ultrapassava o barranco, conforme se pode ver no croquis nº 16 e em "B" da foto montada na fig. nº 19. Pelo tamanho e número das vigias, e os seus intervalos, podemos avaliar que o comprimento do "charuto voador" seria de aproximadamente 20 m.

A respeito do seu resgate, pelos seus companheiros, acha que ele devia ter dado a aparência de uma pessoa que tivesse enlouquecido repentinamente, com a sua roupa toda enlameada pelo rastejamento prévio, gritando e apitando, e ainda com um revólver na mão. Admitiu a hipótese de que o carro que se afastou, na ocasião, tivesse ido buscar maiores recursos para socorrê-lo.

Outros indícios de apêio ao presente caso

Em 3/10/70 procuramos fazer uma visita pessoal à reprêsa do Funil, em Itatiaia, mas fomos informados, no local, de que só poderíamos entrar com autorização expressa da administração (no Rio). Alguns dias após (19/10/70) procuramos obter esta autorização, a qual porém nos foi negada, "uma vez que o nosso interesse estava ligado ao fenômeno "DISCO VOADOR", tendo em vista que "a Companhia (Furnas) não queria se envolver neste assunto". Entretanto, sabia-se que houve um fenômeno qualquer, na reprêsa, no dia indicado, quando se deu até o desligamento de uma chave elétrica, mas isto, "evidentemente" seria devido a uma "faísca elétrica" que, em qualquer tempestade, pode provocar tal fato. O funcionário que nos recebeu, Dr. Emerson Nunes Coelho, foi entretanto extremamente afável, franqueando a reprêsa a uma visita nossa, o que infelizmente não pudemos aceitar, porquanto deveria ser omitido completamente o assunto DV em qualquer publicação eventual nossa (isto seria contrário aos propósitos que regem a SBEDV e, portanto declinamos desta aquiescência). Entretanto, sabia (o Dr. Emerson) que o Ministério da Aeronáutica ia pesquisar este problema, e expressou a sua admiração em geral sobre o pioneirismo da pesquisa e dos pesquisadores.

Uma vez que não pudemos inquirir no local outras testemunhas, à semelhança da nossa pesquisa em Baurú (leia "CORPO A CORPO COM EXTRATERRESTRES" - Bol. Nº 66/68, pág. 76), restringimo-nos a transcrever alguns trechos dos noticiários dos jornais, em relação aos acontecimentos, como foram publicados pela "Última Hora" (Rio-8/9/70). Felizmente, por ocasião da reunião em (20-11-70) da Sociedade (médica) de Hipnose (leia também adiante, em "Epílogo"), ouvimos a opinião abalizada do Snr. Cel. Valfrido, (ligado à firma de vigilância, para a qual trabalha ou trabalhava Almiro), explicando aos presentes que o noticiário acima não foi correto, e depois desmentido pelos jornais. Disse também o Snr. Valfrido que era verdade que o chão e o cimento no local onde tinha estado o objeto, estava todo seco (e cretado?) apesar de que o piso restante estava molhado por ter sido um dia chuvoso. Também correspondia à verdade a notícia de que um objeto voador foi visto naquela noite, aproximadamente à mesma hora, na cidade (vizinha) de Engenheiro Passos e em uma outra também vizinha de Itatiaia.

Algumas Teses sobre Geo-Cosmopolítica

Poderemos aventar algumas hipóteses sobre as possíveis razões que teriam levado os extraterrestres a sobrevoar a Reprêsa do Funil. Talvez tivessem testado as condições elétricas do sistema da barragem, por meio das descargas que produziram sobre os transformadores ali existentes (poderiam tornar o ar um bom condutor elétrico, pela

sua ionização por meio de um campo eletro-magnético?). Devemos citar outros exemplos para confirmar esta tese. Nada melhor do que o rico material ufológico nacional, colhido nos dois anos anteriores, quando fizemos investigações nas centrais elétricas de Baurú e Leme (S. Paulo). Na ocasião, houve penetração de extraterrestres na tentativa de examinar planos de construção e também focalizando a existência de transformadores de 90.000 volts. Isto está descrito em nosso boletim nº 66/68, nos itens: "Corpo a Corpo com Extraterrestres em Baurú", e "Robots Extraterrestres Conversam e Tomam Notas, em Leme (S. Paulo)".

É interessante considerar os dois gráficos (figs. nº 13 e 21) que põem em evidência as grandes ondas de sobrevôos de DV, coincidindo com importantes acontecimentos terrestres, como explosões de bombas A e H, e lançamento de veículos cósmicos (nossos). Aparentemente, esses fatos terão influenciado e trazido receio aos extraterrestres (fig. nº 13) que, durante as suas visitas, teriam vigiado principalmente as nossas centrais elétricas. Daí talvez as falhas até agora "inexplicáveis" no fornecimento de energia elétrica de várias cidades, e cujos gráficos representativos acompanham aqueles que mostram os sobrevôos de DV, na Terra (ver fig. nº 21).

Concluimos então que os conhecimentos a respeito dos Discos Voadores e os seus tripulantes devem ser alargados não somente pelo pessoal especializado da Aeronáutica, mas também pelo pessoal de segurança, de cada país, até os escalões mais humildes. Ao invés de se tratarem os extraterrestres como "invasores" (como tem feito certa propaganda bem maquinada), devemos encará-los como uma força bem superior à nossa, considerando o seguinte:

- 1º) Não devem ser hostilizados, mas sim, estudados e observados.
- 2º) A sua presença, entre nós, deve ser comunicada a autoridades competentes e --também ao povo-- para que se possam reunir dados e preparar as massas (terrestres) psicologicamente para um próximo eventual estágio de contatos em bases mais amplas.
- 3º) A população deve ser encorajada no sentido de tentar cultivar estes contatos, pelo menos com aqueles seres mais chegados a nós, seja pela semelhança anatômica ou pela sua segurança, calma, perseverança e "meios de comunicação" em um eventual contato conosco. (Talvez gente de Vênus (?), de acordo com o episódio ocorrido há alguns anos, na praia de São Sebastião (São Paulo), com o prof. Dr. João de Freitas Guimarães).

Desta maneira, não aconteceria o caso de se receber a bala um veículo extraterrestre, ou de alguém ter que sofrer prejuízo de sua saúde (como revide de extraterrestres atacados por nós), sem necessidade. (OBS-Transcorreu a notícia de que tal já aconteceu entre nós).

Aliás, isso foi expressado de forma espirituosa pelo nosso protagonista (Almiro), quando foi interpelado em um programa de TV (canal 4 - Rio), por uma repórter (numa pergunta "à queima-roupa") que lhe perguntou tendenciosamente se ele (Almiro) confirmaria as nossas intenções dos extraterrestres, a nosso respeito. Entretanto, Almiro respondeu com muito desembaraço, e de modo jocoso, desconcertando a jovem repórter (e/ou aqueles que lhe teriam "encomendado" tal pergunta): "Não, em absoluto; eu é que errei, pois dei uma péssima recepção ao tal objeto..".

A nosso ver, os extraterrestres constituem os nossos vizinhos mais fortes, que têm vindo até nós provavelmente porque estamos invadindo o seu "habitat" com as nossas irradiações atômicas. Uma vez que os extraterrestres têm demonstrado ser mais fortes do que todas as potências terrestres reunidas, pensamos que o Brasil deve estabelecer com eles uma política de boa vizinhança, independentemente daquilo que os outros países (terrestres) pensam fazer...

Atendimento Médico e o seu Planejamento em outros Casos.

O Tratamento

Depois da alta hospitalar da testemunha, visitamos ainda o seu médico, Dr. Orlandino, que amavelmente nos explicou o tratamento ao qual submeteu o paciente. Foi diagnosticado que Almiro sofreu uma cegueira psicogênica motivada por um choque traumático. Todos os exames de laboratório foram normais, inclusive o eletro-encefalograma. Indicou-se, para o tratamento, a hipnose junto a medicação neurotônica e tranquilizante, bem como instilação de um colírio, já que realmente havia um lacrimejamento quando o paciente mantinha os olhos abertos (e por isto preferia mantê-los fechados), mas não havia lesão física. Foi também recomendado o uso de óculos escuros. Explicou-nos o Dr. Orlandino que foram realizadas 6 a 7 sessões de hipnose, tendo sido feito o aprofundamento gradativo.

Passamos a relatar aos nossos leitores as rápidas explicações do Dr. Orlandino quando nos delineou os delicados problemas enfrentados pelos profissionais, em casos como este.

Segundo o Dr. Orlandino, não se trata de simplesmente suprimir uma psicose por meio da hipnose, mas sim, condicionar o paciente gradativamente, pela última, evitando ainda as possíveis seqüelas emocionais tardias. Por este processamento o paciente deve estar "inteiramente nas mãos do profissional", lá pela 4ª seção de hipnose, quando então haverá uma resposta positiva à "indução do fenômeno alucinatório visual", fazendo-se nas sessões seguintes a "indução visual interhipnótica de reconhecimento de objetos" como por exemplo, uma caneta, relógio, um quadro na parede, etc. etc.

Gradativamente chega-se então ao estágio de fazer "sugestões pós-hipnóticas" ao paciente, que, quando acordar, estaria na posse de tal ou qual faculdade (no caso específico, seria "a recuperação total e duradoura da visão"). Uma sugestão pós-hipnótica, por exemplo, seria a de mandar o paciente contar até cinco, e depois abrir os olhos e procurar o seu sapato. Falou-nos o Dr. Orlandino do quadro conativo e emocional, no caso em apreço, quando o seu agradecido paciente havia percebido que tinha recuperado a visão. No caso, foi o paciente encaminhado novamente para a seção de oftalmologia, onde se diagnosticou "acuidade oftalmológica dentro do normal".

Para a nossa medicina atual, no desconhecimento oficial do problema dos DV, a idéia é de que houve simplesmente um caso concreto de anurose histérica ou emocional, curada pelo tratamento da hipnose. Porém, ao "aficionado e estudioso" do problema dos DV, parece que possa ter havido um traumatismo psíquico sobreposto a um traumatismo físico real na esfera do centro da visão, no lobo occipital (veja seta branca na fig. Nº 22). Desta maneira, afiguram-se a nós as duas seguintes hipóteses:

a) - Que a interferência no centro da visão e a cegueira foram passageiras, mas a superposição de um traumatismo psíquico contribuiu para o prolongamento da cegueira real, pela adição de uma "cegueira emocional".

b) - Que realmente, o traumatismo sobre o centro nervoso da visão produziu uma cegueira prolongada, a qual foi cedendo simultaneamente ao tratamento pela hipnose.

Uma terceira hipótese, de se tratar puramente de um episódio alucinatório, descartamos completamente, não somente pelos indícios colaterais (leia o item "Outros Indícios"), mas também pelo próprio relato do paciente, o qual, sob hipnose, teria confirmado todo o seu relato anterior. A propósito, citamos que este importante pormenor veio à tona apenas "em passant", quando, na citada reunião da Sociedade de Hipnose, o Dr. Orlandino foi indagado a respeito, pelos demais colegas.

A nosso ver, este fato não foi suficientemente apreciado como um dos indícios da realidade da aventura vivida por Almiro.

Desconhecemos se durante um traumatismo (por irradiação, como foi acima descrito) sobre o centro da visão, possa ainda continuar a funcionar o arco do reflexo foto-motor (veja seta preta na fig. nº22). Este arco estava íntegro quando pesquisado pelos oftalmologistas (mas isso só no 2º ou 3º dia após o episódio). Evidentemente, o paciente sentiu o traumatismo como uma fonte de luz, seguida de uma intensa onda de calor.

A "Flying Saucer Review", de Set.-Oct. 1970, no artigo "PHOSPHENES AND THE UFO PHENOMENON", do Snr. B.E. Finch, chama a atenção sobre um trabalho de M. Valentimuzzi, em 1962, quando denominou de "Phosphenes" as sensações visuais que fossem produzidas por outros meios que não a luz. Em 1910, S.P. Thompson já conseguiu produzi-las quando expôs a cabeça duma pessoa a um intenso campo energético alterado não luminoso. Em 1968, Hirsch experimentou isto em coelhos, quando um campo de 460 oersted produziu efeitos durante muito além do tempo de aplicação. Modificações foram observadas, na região do hipotálamo e do cortex; associadas com a produção de serotonina, controle do sono, etc. etc..

Também os experimentos de prof. Ingalls, da Universidade de Cornell, provaram (segundo o Boletim da NICAP, UFO-Investigator, Nov. Dez. 1965) que "ondas eletromagnéticas podem estimular diretamente o cérebro". Deste modo, foi "ouvido" um feixe de radar (especialmente enfraquecido para não causar dano) acima da fronte, quando foi vedado o uso do ouvido externo de um paciente, "provando assim que as ondas faziam o seu impacto diretamente sobre a massa (das células) nervosa".

A pergunta que então aflora é se a luz cegante e paralizante (sobre Almiro) não teria sido o efeito direto de "ondas eletromagnéticas sobre as células do cortex do centro visual (occipital) e do centro motor (incisura rolândica), provocando no último uma permanência do tonus muscular (rigidez dos músculos na atitude momentânea encontrada).

Talvez que se os exames oftalmológicos tivessem sido realizados em um prazo menor, seriam fornecidos dados adicionais para as conclusões. Fazemos nossas as palavras da pesquisadora Irene Granchi, quando, em entrevista ao "Correio da Manhã" (10/9/70), disse: "Não se trata de um bloqueio emocional, mas a hipnose é recomendada. Um médico trata das doenças cuja origem ele conhece. Quando não se sabe o efeito sobre o sistema nervoso (do agente causal), é mais difícil. A cura se processará por tentativas".

Uma vez que o paciente sentiu-se imobilizado logo após (pelo mesmo raio cegante?), vamos enumerar em seguida casos semelhantes encontrados (ou estudados) nas pesquisas nacionais da SBEDV: "THE ITAPIRITO F.S. RESEARCH" - Bol. 42/44, pag. 1 a 3; "MUSCULAR RIGIDITY IN FLYING SAUCER CONTACTS" - Bol. 48/50; "STRANGE EFFECT OF A LIGHTNING UPON THE CENTRAL NERVOUS SYSTEM" - Bol. 54, pag. 19; "O EFEITO PARALISANTE DE RAIOS MANIPULADOS PELOS TRIPULANTES" - Bol. 66/68, pag. 90 e Bol. 8, pag. 3, ítem 12-d.

Outros efeitos colaterais, da exposição à irradiação eletromagnética ou "campo de força" dos DV, manifestam-se em distúrbios do sistema neuro-vegetativo, como taquicardia; sudorese, descontrole dos esfíncteres vesicais e da musculatura lisa. Tais fenômenos foram descritos nos seguintes Boletins SBEDV: nº 45/47 - "REPORT Nº 1", pag. 6; Nº 66/68, pag 73 e pag 89 ("TÉCNICAS ESPECIALIZADAS...."). Mais adiante, no ítem B-11, está descrita uma enterite grave, que também podia ser oriunda de fenômenos tóxicos secundários a uma irradiação. Futuramente publicaremos fatos correlatos pesquisados pela Sociedade congênere mineira, o CICOANI.

No "caso do Funil" houve aparentemente (por informações que o protagonista nos deu pessoalmente) uma amaria após o incidente, durante 2 ou mais dias, mas desconhecemos se no hospital houve alerta para surpreender este efeito colateral inesperado. Parece que não citamos em Boletim anterior (nº 66/68, item B-7) a polidipsia (sede exagerada) que sentiu Tiago Machado, de Pirassununga, após o episódio do que foi protagonista, e também falta descrever o caso do soldado José Antônio da Silva (pesquisa do CICOANI), que foi largado por tripulantes de um DV (após permanecer no disco), perto de um riacho, e que bebeu, numa só vez, 1,5 a 2 litros d'água.

Planejamento de Exames Complementares

Aparentemente há em muitos destes casos uma influência sobre a hipófise e também a produção ou bloqueio de hormônio antidiurético (arginino-vasopressina). Possivelmente haverá também casos com influência na produção (ou inibição) dos hormônios sexuais (gonadotropina), como talvez tenha ocorrido no caso descrito no item B-8 deste boletim. Assim sendo, pensamos que, para uma pesquisa realmente completa e em moldes científicos, impõe-se, aos protagonistas deste casos, o controle de:

a)- líquidos ingeridos e eliminados; b)- eliminação das gonadotropinas, aldosterona, teor do cloro, sódio e potássio e arginino-vasopressina no sangue, e quiçá ainda as provas hormonais e outras dosagens para as quais a medicina moderna dispõe de bons recursos.

A respeito de possíveis efeitos de irradiação (corpúscular e raios gama), consultamos o médico carioca Dr. Humberto Gomes de Oliveira, que tem grande experiência pelos seus trabalhos nos maiores centros mundiais, especializados neste assunto. O Dr. Humberto recomenda que, num episódio agudo de irradiação, seja feito o seguinte:

- a)- Contagem da radioatividade no sangue, urina e saliva (existe um aparelho especial para isto), até apenas as 48 horas após o episódio.
- b)- Das 48 horas em diante, repetição de vários hemogramas, observando-se, em caso positivo (irradiação massiva), uma alteração (destruição das plaquetas e uma linfocitose).

Não procuramos nos informar além do já mencionado antes a respeito da pesquisa dos efeitos elétricos da irradiação eletromagnética, mas é sabido que houve morte de pessoas por acidente fatal quando submetidas à aplicação de ondas curtas em densidade na região dos seios faciais, por razão de tais ondas terem atingido também o cérebro. Houve também morte de pessoas que entraram em um campo de radar, a curta distância da fonte de emissão, e é sabido que os modernos fornos que usam micro-ondas cozinham os alimentos em poucos minutos.

Epílogo

Em 6/11/70 fomos procurados pelo protagonista (Almiro), o qual nos teceu múltiplas queixas a respeito da vida e das suas atuais condições materiais (para as quais ele propunha soluções extremas). Disse também que desejava contar-nos um segredo que até agora não nos tinha revelado "por medo de interpretações". Era coisa referente à sua experiência na reprêsa: "É que o objeto teria trazido na frente (pintado ou gravado) a sigla "USA", visível quando as luzes das vigias estivessem mais acentuadas. Quando apagadas, teria visto vultos a se movimentarem no seu interior". Estas revelações, feitas por escrito e assinadas (veja fig. nº 23), nos deixaram altamente alarmados, pois víamos depois do episódio e também após já termos tido vários contatos com o protagonista, durante os quais nem de leve tocou na possibilidade de estar escondendo ainda qualquer parcela da verdade.

DUAS HIPÓTESES: 1ª Almiro teria sido "convencido" por interessados a propor talmente à SBSDV fazer tais declarações com propósitos desconhecidos (?).
2ª Este DV era tenente (USA) com propósitos, também, desconhecidos (?).
VER: CASO Serra Dourada 6-4-70 +

Muito importante

Cumpre-nos esclarecer que em contatos anteriores que mantivemos com o protagonista (Almiro), a ele entregamos diversos boletins e revistas, especializados no assunto DV, os quais entretanto não abordavam esses casos nem tampouco a nossa hipótese aventada mais adiante (no item "C").

A partir então desta circunstância, achamos conveniente considerar os três itens que a seguir passamos a citar:

a)- Uma das hipóteses é de que se trataria de uma história "fabricada a posteriori", talvez especificamente para despistar o assunto, descambiando para a invencionice, para levar ao ridículo a pesquisa séria e tentar "provar" a origem não extraterrestre dos DV. Esta hipótese, se bem que pareça à primeira vista um tanto mirabolante, não deixa de ter a sua razão de ser, pois, conforme já tivemos a oportunidade de esclarecer em boletins anteriores, nós pessoalmente já recebemos, há tempos, visita de certos emissários de um organismo que tudo tem feito para despistar e ridicularizar o assunto DV.

Isto, entretanto, em nada invalida o depoimento inicial de Almiro; conforme depreendemos da pesquisa séria e objetiva que com ele fizemos, e tendo em vista que, naquela ocasião, ele ainda não tinha tomado contato maior com a "grande cidade", não podendo pois ter sido "contaminado".

b)- Tivemos o prazer de assistir (em 20/11/70), a convite do Dr. Orlandino, uma reunião da Sociedade de Hipnose, em relação ao caso de Almiro. Ali notamos o alto gabarito moral e profissional dos participantes, os quais se preocuparam principalmente em descobrir a melhor maneira de servir e assistir o nosso protagonista. Alguns dos médicos presentes nos pareceram inclinados a diagnosticar o caso de Almiro mais como um episódio de fundo "alucinatório" (talvez por desconhecerem ainda a real e objetiva existência do problema, entre nós, dos extraterrestres e dos seus veículos, os DV). Entretanto, mesmo assim tende a se ampliar o círculo de profissionais médicos que passam a se interessar pelo problema, a partir deste primeiro e embora fugaz contato que tiveram com o caso em aprêço. Em relação a isto, deve-se mencionar que, durante os debates da referida reunião, veio à pauta o exame que foi feito em Almiro, por elementos especializados, da Aeronáutica, ainda no próprio hospital. Porém não foram citadas as datas, horas e nem mencionados os nomes envolvidos.

Foram também focalizados, nesta reunião, as peculiaridades da personalidade do protagonista, na sua vida progressa. Na ocasião, tivemos o ensejo de chamar a atenção de alguns dos presentes, sobre a possibilidade de sofrerem modificação da personalidade, "a posteriori", as pessoas envolvidas em situações análogas àquela por que passou Almiro, e também como no fato focalizado no item 8 deste boletim. Entretanto, não fizemos esta observação publicamente, devido à heterogeneidade dos espectadores em relação à concepção sobre os DV. Em todo o caso, já antes do início da sessão, em uma fugaz conversa particular com o Presidente da mesma e com o Dr. Orlandino, procuramos chamar a atenção sobre a possibilidade de a personalidade da pessoa sofrer modificação, especialmente em vista daquilo relatado no item B-8. Também sugerimos ao Dr. Orlandino que pesquisa-se ainda sobre o relato adicional do protagonista, por meio de questionário sob hipnose, isso naturalmente com o expresso consentimento de Almiro (e de acordo com as restrições que fizemos, no bol. 62/65 item g - pag. 47, ao uso indiscriminado da hipnose, no campo da pesquisa sobre os DV).

c)- É concebível que uma nave extraterrestre se camuflasse com as insígnias de nação terrestre (especialmente quando se trata de "operar" dentro do território desta nação), para assim poder trabalhar mais à vontade, sem sofrer interferência. No caso em aprêço, a nave extraterrestre teria sido determinada a operar de preferência nos Estados Unidos. Para reforço desta teoria, citamos o Boletim da APRO,

de Julho de 1964, que, com minúcias, relata o caso de duas naves extraterrestre em aproximação, à base aérea norte-americana de "White Sands - Holloman Range", e que responderam corretamente aos sinais indagadores dos radares (terrestres) que operavam naquela base, na ocasião do fato.

Entretanto, não se esqueça e leitor de que aquilo exposto no "epílogo" não passa de "hipóteses de trabalho", por enquanto, sendo necessário que o tempo, combinado com certos exames, se encarregue de fazer aflorar a inteira verdade.

Dêste modo, o pesquisador cauteloso deverá ter constantemente a sua mente em alerta para apreender todos os ângulos novos que se apresentarem nestes casos (mais difíceis, mas nem por isto menos interessantes).

--- --

7 - "LUZ MISTERIOSA PARA CARRO NA VIA DUTRA"

Sob êste título, o jornal "Diário de Notícias" (Rio - Domingo, 25/10/70) publicou, em letra pequena e local de pouco destaque, na pág. 13, a notícia a respeito de uma interferência que um DV produziu em um automóvel.

Se não tivesse havido um aviso amável de nosso confrade pesquisador, o Dr. Carlos Netto (do Diário de Notícias), a notícia importante nos teria passado totalmente despercebida.

S P

É o seguinte o teor do texto: "Uma forte luz, que surgiu repentinamente, diante do carro dirigido por Daniel Francisco do Nascimento, à altura do km 150 da via Dutra, obrigou o mesmo a freiar bruscamente, com a vista ofuscada, quando vinha de Pindamonhangaba, com a sua família, às 23h do dia 23/10/70. Desligou o motor e desceu, mas na da descobriu além de um clarão que "vinha do alto e iluminava uma grande área ao nosso redor". Não notou, porém, nenhum barulho diferente, e tudo ficou calmo, durante a permanência do "clarão, que durou 2 minutos".

"O que é mais estranho"; continua o relato, é que o veículo (depois) não poudé sair do lugar. Queimou-se parte da instalação elétrica e danificou-se toda a junta do cabecote (do motor). Encostamos o carro e regressamos num ônibus (Pinda-São Paulo). No dia seguinte voltei ao local e, com um carro-guincho, rebocamos para a Capital (São Paulo) o veículo danificado".

--- --

8 - O INCIDENTE DE ITAUCÚ

viagem

caso importante

(Reportagem publicada no jornal "Folha de Goiás", de 12/6/69, de autoria dos repórteres Guilherme Churchill e Cílio Soares, e que foi gentilmente remetida à SBEDV pelo Snr. Wayne Monteiro). Acharmos oportuno incluir êste relato aqui neste boletim, uma vez que apresenta certas semelhanças com o caso do "Incidente do Funil" (item B-6), pelo menos no que tange a certos aspectos fisio-psicológicos.

A reportagem consta de duas páginas (de jornal) das quais re produzimos a seguir as passagens mais interessantes. O protagonista da aventura foi o lavrador Adelino Roque, de 25 anos, sem instrução escolar, casado, com 4 filhos, que morava retirado, a 12 km de Itaucú, (cidade esta que fica aproximadamente a 100 km da capital-Goiânia). Quem informou aos repórteres a maior parte dos detalhes foi o tio de Adelino, Snr. José Marcório, de 45 anos, conhecido pela alcunha de "Dé", casado e comerciante há 20 anos em Itaucú. Isto porque o protagonista, Adelino, tinha cometido suicídio no dia anterior, junto com uma sobri

nha sua, menor de idade, pelos motivos que mais adiante serão arrolados para o leitor.

A odisséia do Sr. Adelino começou com uma dor de dente, no domingo 20 de abril de 69, a qual motivou a sua ida para Itaúçu, a cavalo, às 19h e meia, à procura de um dentista para aliviá-lo. Este entretanto recusou fazer tratamento, por ser domingo, de maneira que o Snr. Adelino teve de regressar, sem ter sido atendido. Relata então o Snr. "Dé", que, ao viajar 2 km na volta, Adelino afirmou ter percebido uma luz a segui-lo. Não deu importância ao fato e continuou sua viagem normalmente. Cerca de duzentos metros mais adiante, o foco de luz abaixou mais e, quando seu cavalo bebia no rio "Cerradinho", Adelino percebeu que uma luz clareava as águas, tendo o cavalo se assustado. Porém, conseguiu dominá-lo e seguiu viagem normalmente. Mais uns 100 m adiante foi tomado de verdadeiro impacto, quando se considerou "hipnotizado" (provavelmente queria dizer "imobilizado") por uma corrente de luz fria a tocar-lhe bruscamente as costas. Prosseguiu, apenas vendo, e nada mais sentindo, para em seguida receber novo jato de luz à altura do torax, agora porém, com grande quantidade de calor. Afirmou que nesse momento baixou sobre a sua cabeça um objeto estranho, deixando-o totalmente imobilizado. Adelino contou ao Snr. "Dé" que, naquele momento, viu apenas alguma coisa aproximar-se e arrebatá-lo do animal, lentamente, e partindo rapidamente. Informou ter acordado somente em Itumbiara, à beira do rio Paranaíba, no dia seguinte, às 5 horas da manhã, completamente esquecido de todo o ocorrido, sentado em cima de uma pedra.

Um carroceiro, vendo-o caminhar em zigue-zague à beira do rio, perguntou-lhe algo. Neste momento, então, Adelino voltou a si e disse ao carroceiro que desejava retornar à sua casa, em Itaúçu. O carroceiro achou graça, dizendo-lhe que Itaúçu ficava há um dia de viagem. Mas Adelino afirmou-lhe que havia saído de lá há poucos minutos, montado em um animal. Foi então conduzido para a rodoviária de Itumbiara, pelo carroceiro, que recomendou ao motorista do ônibus (que partia às 9h para Goiânia) para colocá-lo depois em um outro ônibus, para Itaúçu.

Adelino havia saído de casa no domingo 20 de Abril 1969, mas somente no dia 21, segunda feira, é que o cavalo (de Adelino) foi encontrado no meio da estrada, arreado e sem apresentar qualquer indício de que havia viajado, pois não tinha cansaço e apenas estava assustado. Aproximadamente às 16h e 30 min, Adelino apareceu completamente desorientado, procedente de Itumbiara, tendo viajado em ônibus até à rodoviária de Itaúçu. Neno Roque, o pai de Adelino, entrou na conversa com o repórter, informando: "Notei o meu filho completamente transformado. Ele nunca bebeu; sempre foi cumpridor de seus deveres; todo mundo nos conhece, e fiquei surpreso com a sua aparência. Alguns minutos após à sua chegada, notei que estavam diferentes os olhos de meu filho; ficaram vidrados, com toque de alucinação. Ficou completamente roxo, ele que sempre foi branco e sanguíneo. O rosto parecia se contorcer. Daquele dia em diante passou a demonstrar um procedimento totalmente diferente do que lhe era costumeiro. Passou a vacilar, a ter cansaço, a não se incomodar muito com o serviço de roça, onde sempre trabalhou; queria andar sozinho, e não mais ligava para a vida. Adelino não sabe ler, nem escrever. Jamais o vimos com uma revista nas mãos, a não ser observando retratos ou desenhos. Sempre gostou de futebol, e em rádio só ouvia músicas. Não há portanto uma inverdade sobre o assunto, uma vez que ele jamais poderia inventar tal fato". Comentou a esposa de Adelino, Dna. Ivani de Freitas Roque: "Naquele dia ele chegou transtornado. Quase não o reconheci. Estava nervoso e desfigurado, porém nada comentou comigo".

O Snr. Neno comentou ainda sobre o desaparecimento de Adelino, junto com uma sobrinha (C.A.Q.) menor, 34 dias depois daquele episódio inusitado: "Adelino viveu completamente fora de si, desde o dia em que retornou a Itaúçu (21 de Abril) até o dia em que pela 2ª vez desapareceu misteriosamente. Ele saiu de casa apenas com a roupa do

corpo, sem documentos, e nem a benção a mim pediu. Adelino sempre foi um bom filho; nunca me deu trabalho".

Sobre este período, assim se pronunciou ainda o tio: "Meu sobrinho, quando retornou ao lar, no último dia 21 de Abril, não era mais aquele rapaz sensato e sem problemas. Ele sempre foi um moço calmo, alegre com a família, e amava muito os 4 filhos e a esposa, pois nunca haviam brigado. Quanto ao problema da moça (sobrinha), também falecida ontem (11/6/69), quero lhe afirmar que Adelino, antes do dia 20 de Abril, nunca teve ligações amorosas com ela. Sempre foi bom marido e, está aí sua esposa que pode falar. Como os dois estavam desparecidos juntos (depois o dia 25 de maio, quando ocorreu a fuga, 34 dias após o contato de Adelino com um DV), tudo foi por culpa desta aparição incomum que o deixou completamente louco, sem saber o que fazia, pois mesmo trabalhando, depois de ter feito tal viagem, ele jamais foi o Adelino de antes.

Ao chegar Adelino em minha casa, em Itauçu (após seu encontro com o DV), a primeira coisa que fizemos, eu e minha esposa, foi olhar os seus sapatos e meias. Nada de poeira. Tudo estava limpo. Ora, isto foi, indubitavelmente, um motivo para que continuássemos acreditando no menino (Adelino), pois sempre o conhecemos e jamais o vimos vacilar, muito embora o seu estado de saúde (agora) nos amedrontasse".

No dia da tragédia, Adelino e sua sobrinha chegaram às 5h da manhã, na casa do Snr. Alcino Francisco Raimundo. Adelino faleceu logo após ter chegado. A sobrinha morreu às 15h do mesmo dia, no hospital de Itauçu. Transpareceu a notícia de que ambos "havam ingerido uma alta dose de veneno"... Disse o Snr. Anacleto que Adelino lhe dirigiu as seguintes palavras: "Se você está duvidando de mim, vamos a Itumbiara; eu nunca tinha ido àquela cidade, como você sabe, mas posso levá-lo ao local onde me deixaram, numa pedra à beira do rio Paranaíba". Afirmou ainda o Snr. Anacleto: "Ele (Adelino) nunca tinha ouvido falar em "DISCO VOADOR". Não tinha leitura e só se interessava por problemas de trabalho (lavoura) e de sua família. Ele não tinha capacidade para inventar tal história. Ele não enganaria, pois sempre me considerou muito bem, e inclusive me contou problemas particulares dos quais nem o pai (dêle), tinha conhecimento.

--- --

9 - OS BRIGÕES EXTRATERRESTRES DE CABELO COMPRIDO (PIRASSUNUNGA - SÃO PAULO)

O nome de Pirassununga ligou-se pela primeira vez à existência de tripulantes de Discos Voadores (DV), pelo caso de Tiago Machado, o qual, depois das 7 h da manhã do dia 6 de Fev. de 1969, foi ao encontro de extraterrestre (Bol. nº 66/68, pag. 79). Duas semanas depois, o Sr. José Antônio Fioco viu, na mesma região, um Disco Voador que estava pousado na fazenda da qual é administrador, não longe da sua residência. Foi na noite de 19-11-1968 que quatro jovens bacharéis viram, na estrada perto de Pirassununga, 4 tripulantes de DV, em pé, no meio e na beira da estrada.

Um terceiro caso de contato, com 2 tripulantes de DV, ocorreu em 12/2/69, com o lavrador Luiz Flozino de Oliveira, do Instituto de Zootécnica de Pirassununga. Isto se deu na mesma região que o caso de Tiago. O fato aliás tinha sido publicado pela "Última Hora" de São Paulo (2/3/69) e citado Boletim SBEDV nº 72/73-pág. 152. Completamos a pesquisa no dia 4/10/70, embora que a tivéssemos começado já em data anterior. O protagonista (Luiz Flozino) é chefe de numerosa prole (9 filhos, dos quais 8 vivos. Veja foto nº 11, com parte de seus filhos). É casado há 9 anos, vivendo em condições mais que modestas e num isolamento relativo. Não acreditava na existência dos DV. até a madrugada do dia citado. Morava ele, naquele época, na "Chácara do Mo-

rais, na cidade de Pirassununga. Acordava cedo para chegar ao trabalho ("uma capina de arroz") após 1 hora de marcha ("1 légua bem puchada"). Naquele dia levantou-se às 4h e 40 min. e já se aproximava do seu destino, porquanto já eram 5 h e 40 min. Foi quando escutou um barulho dentro da mata, à sua esquerda. Estava naquele momento com o seu bernal, contendo sua marmita, pendurado no seu braço esquerdo, e ainda ocupado em rolar um cigarrinho de palha. De repente, sentiu-se agarrado nos seus flancos e puxado rapidamente para trás, uns 4 metros. Tentou impedir isto com os pés (descalços na hora), procurando de outro lado não perder o equilíbrio, para não cair. Mesmo assim acabou sendo jogado no barranco do caminho, do lado esquerdo, onde ficou tombado. Logo em seguida, ele foi novamente agarrado por trás e do lado direito, e jogado à distância, para o meio da estrada, em direção ao outro barranco. Viu então que o ato havia sido provocado por dois indivíduos muito estranhos: se bem que tivessem mostrado muita força, não ultrapassavam a altura de 1,42m aproximadamente (altura de seu filho Orlando José de Oliveira, de 13 anos). Também as feições eram estranhas, porquanto observara assimetria dos olhos, barba e cabelos compridos. Flosino ficou em seguida atracado com um dos seus agressores, rolando juntos pelo chão umas seis vezes. Enquanto isso, os dois estranhos falavam entre si uma língua que ele não entendeu. Recebeu do adversário 3 socos que o acertaram na região da orelha direita. Estranhou muito não ter podido acertar nenhum soco, pois, sempre que tentava, o adversário se esquivava com uma enorme agilidade, apesar de Flosino ser bem mais alto que ele. Quando o adversário o largou, Flosino levantou-se com a respiração ofegante, enquanto os 2 estranhos passaram logo para novo ataque, vindo ambos pela frente. Flosino então explicou-nos que, uma vez que não podia vencê-los em um "corpo-a-corpo", fez uso de uma boa rasteira que tinha aprendido em Minas. Como resultado, os dois estranhos caíram um sobre o outro e se levantaram de novo. Nessa ocasião, pareceu a Flosino que eles falavam em português, entre si, dizendo: "Vanos embora, porque com este nós não podemos medir forças". (OBS: A linguagem da testemunha foi: "Vanos embora, que com este nós não poden..."). Os dois viraram as costas e entraram no mato, sem pressa nenhuma, enquanto Flosino, passado o primeiro susto, dispôs-se a persegui-los. Conforme nos explicou todo excitado, na entrevista, Flosino queria alcançá-los e amarrá-los reciprocamente, pelos seus cabelos longos. Mas, enquanto os dois se distanciavam calmamente, não conseguiu alcançá-los, mesmo correndo sobre suas pegadas, porque seu avanço (de Flosino) era retardado pelos cipós do mato. Aparentemente, os cipós tinham sido deixados incólumes pela passagem dos dois estranhos à sua frente, fato este para o qual não encontrou explicação. Sobre este fato, Flosino usou a seguinte expressão: "avançavam sem quebrar o cipó!" * Houve um outro episódio que também o deixou intrigado: o seu cachorro, de nome "Nervoso", que era muito inteligente, sempre o acompanhava por toda parte. Durante o episódio da briga, e antes de dar a citada rasteira, quando os dois de novo avançaram para ele, deu a ordem de "pega Nervoso!" "O cachorro imediatamente atendeu, soltando um rosnado e avançando para cima dos forasteiros".

Entretanto, ainda à distância de uns 4 metros deles, começou a dar uns guinchos e uivos e a rolar pelo chão, como se fosse uma bola. Mesmo quando os dois já haviam ido embora, o cachorro continuou a rolar pelo chão, mas agora sem os uivos e guinchos. Só depois de Flosino ter apanhado a sua marmita, que tinha sido derrubada pela luta, é que o cachorro começou a parar, ficando em pé com dificuldade, como se estivesse tonto e sem segurança. Então, Flosino largou o seu cachorro e seguiu o caminho adiante. Somente após uns 2 km é que o cachorro tornou a alcançá-lo de novo, nas demonstrava ainda certo cansaço ("meio tontão ainda"). (Naquele dia o cachorro ficou assim até à tarde, e também sem querer comer e nem beber.) No caminho, encontrou então o seu chefe, Waldir Couto, que o mandou voltar para a cidade e dar parte à Delegacia. Na volta para a Delegacia foi alcançado pelo Dr. Claude, que vinha de perua (carro) e já tinha sido posto a par do acontecido, pelo Sr. Waldir, e que então convidou Flosino a subir à

Imp.
* "projeções!"
...possivelmente

perua, para ser levado mais depressa à cidade. Chegou na Delegacia ainda todo sujo e com as suas roupas rasgadas, tornando-se então o centro das atenções, enquanto fez o seu relato; ainda bastante nervoso sob o impacto do acontecimento. Flozino, Dr. Claude e mais 5 policiais voltaram então juntos ao local, onde ainda encontraram os vestígios da luta no chão e dos 4 metros por que tinha sido arrastado sob resistência. Os policiais tentaram entrar no mato, mas só o conseguiram por um trecho de uns 8 metros, sentindo muita dificuldade entre tanto. Naquele dia, Flozino chegou em casa, "todo amolado" conforme as palavras da esposa, D^a Maria Vita de Oliveira, de 40 anos, e sua companheira há 20 anos. Lembra ela que, naquele dia, o seu marido saiu antes das cinco da manhã e voltou para casa (à noite) todo nervoso, com a orelha vermelha, porque "tinha tomado uns tapas no ouvido". Falou-nos ainda que uma cunhada sua, D^a Barbalina, viu naquele mesmo dia um DV aterrisar em um campo de arroz. D/A 12-2-69

Interrogado, Flozino informou-nos que os homenzinhos tinham uma anatomia igual à nossa, com relação à boca, aos dentes e ao nariz. Entretanto, havia uma exceção no que diz respeito aos olhos: a distância entre si, na horizontal, era igual à encontrada no homem terrestre; mas o esquerdo encontrava-se mais alto (de 3 a 4 cm) do que o direito. Os cabelos tinham um comprimento de uns 65 cm, e a barba, cerca de 50 cm, sendo ambos pretos. A pele do rosto lhe parecia normal, porquanto pouco podia ser vista, por motivo da barba muito grande. A roupa consistia de duas peças: Um calção curto, com desenhos de várias cores, e uma blusa branca de mangas curtas. Flozino não soube precisar os pormenores das cores ou dos desenhos. A blusa lhe pareceu não ter botões. Indagado a respeito da peça do pescoço, respondeu que nada podia esclarecer, porquanto esta parte era coberta pelos vastos cabelos e barba. Usavam botinhas pretas e, indagado, Flozino respondeu que acina delas, até o coneço das calças curtas; aparecia a pele que, entretanto, nada de anormal apresentava em relação à nossa. Flozino esclareceu ainda que não tinha visto cinto nem arma, e que os cabelos lhe pareceram penteados para trás. Os dois eram iguaizinhos e estavam apoiados no chão. O que lhe parecia muito estranho, entretanto, foi a grande agilidade do homem ao esquivar a sua cabeça, evitando os socos, enquanto ele mesmo (Flozino) tinha levado 3 socos antes. Para os nossos leitores não familiarizados com os golpes de capoeira, queremos lembrar que estes exigem grande agilidade, rápida percepção de todos os movimentos do adversário, porquanto procuram pegar o mesmo desprevenido, pelo jogo de movimentos de despistamento. Pelo uso dos membros inferiores, empregando como alavanca os braços apoiados no chão, conseguem atingir o adversário à distância e fora do alcance dos braços do mesmo.

Outra coisa que o deixou deslumbrado foi a agilidade com que os dois andavam dentro do mato, "sem a necessidade de cortar os cipós", de maneira que nem ele, um matuto, podia segui-los. Estranhou que o seu fiel e inteligente cachorro, ao seu chamado, quando avançou rosnando, não conseguiu alcançar os seus adversários (rolando no chão como uma bola), e "ficou tontão ainda até à tarde daquele dia, não tendo comido nem bebido". O cachorro, que gostava de caçar no mato, morreu de repente, um mês depois, aparentemente em uma destas caçadas. Naquela tarde, o viu latir e correu pelas redondezas, tendo-o escutado bater na sua porta altas horas da noite. Quando abriu de manhã a porta, achou o cachorro morto; todo inchado, como é costume achar os bichos após mordida de cobra. Durante todo aquele mês após o incidente, enquanto esteve vivo, o cachorro, entretanto, não quis mais passar pelo lugar do acontecimento: sempre escolhia um contorno por cima ou por baixo, por outras estradas, para não passar pelo bosque acima citado.

COMENTÁRIOS

a) PSICOLOGIA - Poderíamos considerar que o cachorro tivesse sido atin

gido (à distância) por uma arma de defesa dos tripulantes. Entretanto, ficaríamos a indagar a razão pela qual a mesma arma, se existisse, não teria sido usada contra o protagonista do acontecimento. E também: a agressividade dos homenzinhos teria algum sentido, como por exemplo, a idéia de raptar o terrestre para submetê-lo talvez a um interrogatório? (Como foi o caso do soldado José Antônio da Silva, que depois foi submetido a longos interrogatórios, pelos extraterrestres. Isto será relatado em um futuro boletim).

Consideremos ainda a presença, na vizinhança, dos homens vistos por Thiago Machado e José Antonio Fioco, em outra data, e também aqueles presenciados pelos bacharéis (leia neste mesmo boletim no item B-10). Assim sendo, constatamos a presença, na mesma região e na mesma época aproximadamente, de homens extraterrestres de diferentes origens, porquanto demonstraram diferenças na anatomia e no seu comportamento. Isto mais uma vez confirma a nossa opinião, externada neste Boletim e em Boletins anteriores, de que a abordagem dos terrestres pelos extraterrestres se processa em uma base larga onde numerosos mundos cooperam, cada um conforme o seu estágio de evolução e tendência. Entretanto, há em tudo isto um denominador comum, o qual já foi descoberto pelos pesquisadores mais alertos, mas que ainda é "ignorado oficialmente"...

b) ANATOMIA: A longa barba dos tripulantes lembra os pequenos homens agressivos, de um outro caso (um soldado da cidade de Pedro Leopoldo - Pesquisa do CICOANI, de Belo Horizonte, a ser publicada próximamente). A barba e o cabelo dos tripulantes deste último caso (Pedro Leopoldo) eram de cor ruiva, enquanto que no caso de Flozino, eram de cor preta. Os homens vistos por Tiago Machado também apresentavam assimetria dos olhos (como no caso de Flozino), mas tinham a pele de coloração amarelada (pelo menos, quando vista através do visor facial, que portavam, e que poderia ser vidro ou plástico, de tonalidade amarelada). Tiago não citou a barba nem os cabelos compridos, talvez raspados ou pelo menos escondidos às nossas vistas pelo capacete e roupas fechadas, usados nesse caso (Boletim nº 66/68-pág. 79), em que os tripulantes mostravam dentes peculiares os quais foram observados por Tiago com a suficiente atenção. Entretanto, o capacete e roupa estanque, que usavam, davam-nos ainda a impressão de que os tripulantes vistos por Tiago precisavam de uma atmosfera de maior pressão de que a nossa. Isto deduzimos do movimento da trompa da viseira, que se mexia cada vez que eles falavam entre si ou com Tiago. Fizemos uma experiência: Usamos um saquinho de papel, com o qual improvisamos uma trompa na qual emitimos a nossa fonação. Verificamos então que o ar de nossa boca não conseguiu reproduzir o movimento apresentado pela trompa que portavam os extraterrestres do caso de Tiago. É o nosso parecer de que no interior da máscara dos tripulantes (caso Tiago) reinava uma pressão de ar maior do que a da nossa atmosfera (terrestre), e a qual, escapulindo na fonação, por meio de uma válvula, permitia que as palavras fossem transmitidas ao mundo exterior, como também provocava o movimento da trompa. Os tripulantes do caso de Flozino não precisavam desta máscara e estavam completamente à vontade em nossa atmosfera (terrestre).

c) EFEITOS FISIOLÓGICOS: É estranho o fato de que o cachorro do Sr. Flozino demonstrou efeitos prolongados de fraqueza, provavelmente do seu sistema nervoso somático, enquanto que o Sr. Flozino não sofreu efeito algum, nem sobre o seu sistema nervoso central, nem vegetativa.

+

+ +

+ + +

+ + + +

10 - TENTATIVA DE CONTATO DE EXTRATERRESTRES COM GRUPO DE TERRESTRES ?

(PIRASSUNUNGA - EST. DE SÃO PAULO)

Em boletins nossos anteriores (Bol. 72-Págs. 152 e 153-Bol. 66-págs. 66, 68 e 79) citamos três casos de contato na cidade de Pirassununga e seus arredores, de acordo com o relato dos protagonistas Luiz Flozino de Oliveira, José Antônio Fioco e Tiago Machado, tendo o último relato sido o mais pormenorizado até agora. Neste boletim vamos relatar um fato ainda inédito na imprensa e nos boletins especializados congêneres ao nosso, e ocorrido também naquela região.

Propositadamente colocamos interrogação no título acima, para provocar, no leitor e nos colegas pesquisadores, apenas o debate sobre as intenções dos eventuais tripulantes extraterrestres que foram vistos, e sobre as possibilidades que daí surgem.

Este caso deu-se em 19 de novembro de 1968, portanto, quase 3 meses antes do 1º caso, de contato com extraterrestres, conhecido na cidade de Pirassununga (Caso de Tiago Machado - "Tripulante Aceita Cigarros" - Bol. SBEDV nº 66/68, pág. 79).

Os 4 protagonistas terrestres do episódio eram na época estudantes de Direito no Colégio São João (em Aguai). Hoje, com os seus estudos já completados, pelo menos dois deles, Jaime e Luiz, ingressaram na vida profissional jurídica. Com esses dois tivemos oportunidade de falar em 9/12/69. Os outros dois nos foram apresentados pelos nomes de Walter e Osmar. Na época do episódio Jaime tinha 35 anos e frequentava o 3º ano do Curso de Direito. Foi ele quem nos prestou os primeiros esclarecimentos.

Aguai - Pirassununga (IMPORT.)

Os protagonistas, na data citada, vinham de Aguai, à noite, entre 22h e 30 min e 23h, trafegando em um fusca (Volks-Sedan) em direção à cidade de Pirassununga, para a qual ainda faltavam alguns quilômetros. Foi quando chegaram em uma reta de 4 a 5 km e divisaram ao longe uma luz no horizonte. Pensaram que fôsse um carro que estivesse trafegando em sentido contrário. Porém, tal luz demorou em demasia para se aproximar, não devendo pois ser interpretada como um automóvel. Luiz, que estava no volante, exclamou meio apavorado: "Olhem; lá vem vindo um Disco Voador". Chegando ao fim de uma descida na estrada, e no início de uma pequena subida, Luiz parou o carro e, com os faróis dirigidos para cima (por motivo da referida subida), apagou e acendeu repetidamente as luzes. Estes sinais foram compreendidos e inteligentemente respondidos, porquanto a "Luz" à distância repetiu os mesmos sinais de Luiz, embora em cadência mais pausada. A "luz" devia estar a uma distância de uns 40m e a cerca de 40m acima da estrada, pelo que deduziram do ângulo suave de inclinação da estrada, enquanto a "luz" estava alta, a uns 45° dos observadores, tendo-se apagado pouco depois. Esta situação gerou um certo nervosismo no homem que estava no volante e que por isso trocou de lugar com o companheiro Osmar, que estava no banco traseiro.

Este último tomou então o volante e, antes de partir, consultou os outros: "Sigo em frente, ou volto?". Jaime retrucou: "Vamos para frente!" Pouco depois passavam pelo ponto da estrada, onde devia ter estado a "luz" há alguns momentos antes. Entretanto, ali nada foi observado, a não ser uma luz de aproximadamente 1m de diâmetro, a qual desta vez se localizava distante da estrada (70 a 80m à direita). Tinha a tonalidade de luz de vapor de mercúrio, porém azulada, e clareava a mata próxima. No fundo do carro, ainda nervoso, Luiz pedia para acelerar mais o carro, mas o motorista explicou que o carro não estava desenvolvendo velocidade como era de se esperar. Tinha sido obrigado a passar da terceira marcha para a segunda, e mesmo assim estava "com o pé na tábua". "O carro não dá mais... não dá mais...". Normalmente, o

carro devia ter passado na 3ª marcha, neste local. Assim, com alguns rezando, passaram lentamente pelo local que fica aproximadamente a 1 km de distância da casa da fazenda de Fernando Costa, que se localiza em pequena depressão à esquerda da estrada, quando o motor já começava a funcionar normalmente. Foi então que surgiu outro fenômeno, o qual à primeira vista nada de anormal representava, porquanto se tratava de um redemoinho de 3 a 4 m de largura, que de repente surgiu à frente, bem no meio da estrada, quase tomando toda a sua largura. Naturalmente, isso fez o motorista reduzir a marcha e desviar o carro um pouco para a esquerda. Mas, o que se passou em seguida, logo após o redemoinho, ole vou a frear mais ainda o carro e desviá-lo mais para a esquerda: viu um homem em pé no meio da estrada, com a face voltada para o automóvel e com o braço direito estendido, tendo a palma da mão voltada para baixo. Com a guinada para a esquerda e a frenagem rápida, o carro passou pelo homem sem atropelá-lo (veja croquis nº 14, feito pela testemunha). Mas, logo em seguida, foram percebidos mais três homens, todos enfileirados na margem direita da estrada e com os rostos voltados para a esquerda, olhando para o automóvel que se aproximava. Todos esses homens eram altos, com feições dentro do padrão de normalidade humana (terrestre), e vestidos todos por igual, com uma roupa azul clara, podendo ter se tratado de macacão ou uniforme.

Logo em seguida Jaime abaixou o vidro do automóvel. Não se notou ventania do lado de fora, nem estavam em movimento as folhas das árvores, como se costuma ver nas ocasiões em que se formam redemoinhos. Isto se pôde verificar devido à luz dos faróis do carro. Luiz propôs então o seguinte: "Vamos parar, vamos parar; somos agora mais quatro (oi to pessoas ao todo, contando-se também as 4 pessoas no meio e na beira da estrada), podendo assim investigar com mais coragem a luz pela qual passamos e que parecia ser proveniente de um "Disco Voador". Jaime entretanto respondeu imediatamente: "Vamo-nos embora!" Quando chegaram na cidade (Pirassununga) encontraram no centro o repórter Lourival Tech, ao qual foi feito o relato de todo o episódio, e a quem os protagonistas fizeram um convite para voltarem ao local da ocorrência, a que o repórter se recusou. Soube-se posteriormente que da casa da fazenda do Sr. Fernandinho Costa foi vista naquela noite uma luz estacionária, na direção da estrada, na hora que devia corresponder à passagem do carro dos estudantes, ou um pouco depois. Dois dias após o fato, o Dr. Arnal do Delfim (médico?) rumou para o local a fim de pesquisar, tendo lá constatado uma luz com as mesmas características daquela avistada pelos 4 estudantes.

DIA 21-11-68

Em separado, fizemos ainda uma entrevista com Luiz, cujas palavras de um modo geral reforçam totalmente as explicações de Jaime. O colorido diferente em algumas explicações (de Luiz) pode talvez ser explicado pela maior acuidade que teve, pelo menos na primeira parte do episódio, quando ainda na direção do carro, ocasião em que teve melhor visão e maior alerta, já que estava com sua atenção presa nos acontecimentos que se desenrolavam à sua frente, e ainda com a responsabilidade do bem estar do resto dos seus colegas e passageiros. Viu ele (Luiz), que a luz, primeiramente interpretada como farol de caminhão, veio rapidamente ao seu encontro mas depois ficou parada e alta, em um ângulo de 60 a 80 graus do carro, e assim a uns 100m acima do seu nível, numa distância de 30 a 40m. Pelos seus (da luz) movimentos de descida e subida, também demonstrava não poder tratar-se de um carro, já que a estrada neste ponto só tinha uma inclinação muito suave. Então, o motor do carro parou e os 4 passageiros acharam que não poderiam sair do veículo, em vista de sentirem os seus corpos "amolecidos". Ficaram assim uns 5 a 10 minutos, quando a luz passou por trás do carro, em vôo rasteiro, clareando toda a estrada deserta. Seguindo em frente, a luz ficou a uma distância de aproximadamente 1km, e com o tamanho aparente de uma roda de Volks, quando se apagou. Luiz então ficou nervoso e trocou de lugar com Osmar, que passou para o volante. O motor passou novamente a funcionar e então seguiram em 1ª e 2ª marchas, uma vez que não conseguia desenvolver maior velocidade, apesar de que, normalmente, o car

ro deveria vencer aquela subida comodamente na 3ª marcha. A distância entre o redemoinho e os homens na estrada foi estimada em 500 metros. Os intervalos entre os 3 enfileirados na margem direita era muito regular e correspondia a 1 metro de um para outro aproximadamente. Luiz exclamou para os colegas: "Vamos parar, para que eles vejam também o Disco Voador!", mas Jaime e os outros estavam apavorados e não queriam parar. Indagado, Luiz respondeu afirmativamente a respeito de uma cobertura igual na cabeça de cada um dos homens, mas não soube precisar maiores detalhes.

COMENTÁRIOS

Fiéis à palavra "pesquisa", gostaríamos de analisar o comportamento dos tripulantes deste caso, os quais, pelo menos na aparência, demonstram uma atitude pacífica, esperando os automobilistas na estrada, tendo deixado mais para longe a sua máquina, com a qual minutos antes tinham feito uma demonstração dos seus poderes "não terrestres", quando provocaram parada do motor do automóvel, que foi depois sobrevoado por eles.

Bem que os bacharéis poderiam ter decidido parar e entrar em uma tentativa de intercâmbio com os "estranhos da beira da estrada". Isto porém teria sido possível se a população de Pirassumunga tivesse sido informada com antecedência sobre a existência, entre nós, de extraterrestres representados por povos de civilizações múltiplas, e de intenções e aspectos anatômicos diversos.

Aliás, a atitude dos tripulantes deste caso é bastante diferente da agressividade da gente (extraterrestre) do relato precedente, e também mostraram mais confiança e segurança do que os tripulantes do caso de Tiago Machado. Ao nosso ver, é preferível que façamos contato com gente de anatomia e de reações psicológicas semelhantes às do homem terrestre. Esta raça poderia talvez se comparar à daquelas personagens vistas pelo professor Dr. João de Freitas Guimarães (Santos - São Paulo) e por George Adamski (USA), (procedentes de Venus?) e as quais (segundo George Adamski) sempre têm tentado entrar em contato amigável conosco. Seriam então personagens iguais ou semelhantes às que entraram também em intercâmbio com o pessoal da base aérea de Edwards e Hamilton (USA), sobre o que tanto segredo tem sido feito.

...-.-.-

Import.

11 - OUTRO GAÚCHO FAZ UMA VIAGEM EM DISCO VOADOR (Sarandi - R.G. do Sul)

Em 29.12.69 visitamos o Sr. Dirceu Góes (foto nº 10), de 33 anos, protagonista desta viagem. Fomos alertados sobre esta aventura, pelo Sr. Artur Berlet, que na ocasião visitamos em Sarandi, cidade gaúcha que fica ao norte do Estado, perto da fronteira com o Estado de Santa Catarina, mais próximo da fronteira argentina do que da estrada BR-2. Em verdade o episódio do Sr. Dirceu nos foi comunicado em época anterior, por um grupo local, de pesquisa sobre DV, e que, naquela oportunidade, nos apresentou ao próprio Sr. Berlet. Isto aliás está explicado no prefácio do livro "Discos Voadores, da Utopia à Realidade", de autoria de Artur Berlet, contando a aventura real do autor.

O próprio Sr. Berlet, entretanto, não nos pode dar explicação plausível sobre a natureza dos tripulantes do caso do Sr. Dirceu. Neste último caso os tripulantes se apresentaram sob o aspecto anatômico (pelo menos nas proporções) inteiramente diferentes daqueles tripulantes com os quais o Sr. Berlet travou conhecimento. Considere-se também que o encontro e rapto do Sr. Dirceu foi inteiramente intencional, e portanto, diferente daquele do Sr. Berlet (o qual também envolveu o rapto e nos pareceu de natureza meramente acidental). Uma das razões de falta de divulgação do caso do Sr. Dirceu é o fato de ele ser tímido, não se animando a contatos de ordem social. É um homem analfabeto, vivendo de biscates para sustentar 4 filhos, numa cidade que até há pou-

co se ressentia muito da falta de industrialização. O relato em si é pobre em detalhes, em relação à magnitude do episódio. Isto porém é compreensível em vista das explicações anteriores e da dificuldade de comunicação do protagonista, que gaguejou logo que foi submetido a um bombardeio maior de perguntas. Por ter um gênio bastante introvertido, o Sr. Dirceu só havia comunicado a sua experiência aos seus familiares e a uns raros amigos. Tudo isto prejudicou bastante a nossa entrevista, que se arrastou com bastante dificuldade.

viagem em DV

O episódio se deu em junho de 1967, e portanto, dois anos e meio antes da nossa pesquisa. Foi na época em que o Sr. Berlet deixava o hospital (onde tinha sido tratado por ter sofrido a amputação duma perna, em decorrência de um acidente por explosão de dinamite na Prefeitura de Sarandí). A época do episódio, o Sr. Dirceu morava nos arredores da cidade de Sarandí, no local onde sai o caminho para Palmeiras das Missões. Eram 21 h quando se dirigia, do local de trabalho, para a sua residência, da qual distava ainda uns 200 metros (veja o local na foto 10). Viu então uma bola luminosa a uns 30 metros de altura, e pensou que se tratasse de um "fenômeno sobrenatural", que os habitantes daquela região chamam de "BOI TATÁ" ou "MÃE DE OURO".

Essa bola desceu rapidamente até à altura de uns 10 m e projetou para baixo um raio luminoso em torno do qual descenderam 2 seres rapidamente até o chão, em movimento helicoidal. Essas criaturas desceram com os rostos voltados para o raio luminoso e sempre a uma distância de 30 a 40 cm do mesmo. (Obs: Compare-se este fato com o modo como desceu também o tripulante de DV, visto por Luiz Henrique da Silva - de São Paulo-Bol. SBEDV nº 10-págs. 4 e 5).

Os tripulantes vistos pelo Sr. Dirceu eram de estatura pequena (aprox. 85 cm) e de imediato lhe passaram por baixo dos braços uma fita de aproximadamente 5 cm de largura e assim foi içado para cima, em direção à "Bola Luminosa". Através de um buraco circular com cêrca de 1 m de diâmetro, Dirceu foi passado para dentro do veículo aéreo, entrando pelo seu piso. Ali viu uma terceira personagem que aparentemente o tinha puxado para cima e que o colocou em um assento fixo (de 1 pé somente) de uns 30 cm de diâmetro, soltando em seguida a fita que o amarrava. Logo após, do teto da cabine, projetou-se (através da cobertura do piso) para baixo um raio luminoso em torno do qual subiram os 2 tripulantes que estavam em terra, sempre com as vistas voltadas para o raio, e em movimento helicoidal, conforme na subida.

O recinto no qual estava era de tamanho de uma ampla cabine de caminhão, tendo 3 banquinhos todos iguais; com 1 pé único e circulares (incluído aquele no qual estava sentado). Em frente havia uma banqueta retangular com 4 pés (veja croquis nº 9-A, feito pelo protagonista). A abertura no chão do veículo, agora fechada, se achava localizada no espaço central entre os diversos banquinhos. Estavam assim ocupados todos os bancos, ficando o de Dirceu à direita do banco quadrado. Havia duas janelinhas circulares de uns 30 cm de diâmetro, de cada lado da banqueta retangular. Atrás dela achava-se ainda uma tela tendo mais ou menos 60 cm de comprimento por 30 de altura, e uma janela retangular de uns 20 x 30 cm.

Os tripulantes usavam roupa cinza com cinto de uns 3 cm de largura, da mesma cor, fechando-se a indumentária para cima, com uma gola que cobria o pescoço. Os rostos eram arredondados; os olhos azuis; boca, nariz e dentes proporcionais e iguais aos nossos. Os cabelos eram bem ruivos e lisos. Os sapatos continuavam com a roupa e eram da mesma cor. A altura da cabine era de aproximadamente 1,50m. Como Dirceu tem 1,64m, só pode ficar sentado ou curvado quando de pé. Sentiu-se fraco ao sentar-se e reparou na iluminação interna, que era muito forte, ofuscando-lhe a vista. Isto durante uns 10 a 15 minutos, quando a luminosidade começou a diminuir, até ficar fraca, durante um mesmo intervalo de tempo. Essas oscilações de luminosidade se repetiam durante um tempo que estimou em cêrca de 3 horas, quando lá fora do veículo estava tudo escuro, conforme pode verificar através das janelinhas. Du

* A explosão teria sido intencional?

rante esse tempo os tripulantes lhe falavam em uma língua que ele não entendia, mas em voz agradável. De vez em quando, falavam entre si. Após se terem passado umas 3 horas, verificou que lá fora ficou claro, quando se abaixou um pouco para olhar através de uma janelinha a uns 30 cm à sua esquerda. Lembra-se curiosamente que na ocasião estava com a sua roupa boa, e não com a sua roupa de trabalho.

Via, através da janela, cidades com edifícios altos, que julgava terem até 16 andares. Havia florestas entre as cidades, mas as árvores eram de uma tonalidade mais escura do que as que ele conhecia no Rio Grande do Sul. Julga que esta parte da viagem também durou aproximadamente 3 horas, quando os tripulantes lhe falavam menos do que no trecho precedente, mas mesmo assim nada entendia. Depois outra vez ficou escuro lá fora. Então, apontavam muito para um painel (cêrca de 60 por 40 cm) onde se viam veículos no chão, com pessoas que aparentemente olhavam para ele (Dirceu). O painel era colorido, mas ele só conseguia distinguir as cores preta, azul e branca, apesar de não ser daltônico (conforme o Sr. Berlet) e saber reconhecer perfeitamente qualquer cor. Só havia luminosidade no painel enquanto estava escuro lá fora. Aparentemente, a conversa dos tripulantes se referia mais ao painel e aquilo que nele era visto. Ao regressarem, o veículo espacial foi ter ao mesmo local de partida, tendo parado a uma altura de uns 3 metros. Dirceu foi amarrado por baixo dos braços e descido por um dos tripulantes. Quando tocou no chão, a amarra soltou-se por si mesma, sendo em seguida içada para cima e recolhida pelo buraco no fundo do veículo. Dirceu não reparou como isto aconteceu. Lentamente o veículo iniciou um vôo oblíquo para cima e pôde ainda ser visto por Dirceu durante poucos segundos enquanto se afastava.

No local da aterrissagem, Dirceu procurou imediatamente aliviar a bexiga, que sentiu muito cheia. Ficou espantado, quando escutou primeiro a saída de um gás, por alguns momentos, antes de expelir a urina propriamente dita. Este fenômeno estranho, durante o ato da micção, continuou ainda pelos 3 ou 4 dias seguintes. O ritmo (frequência) das micções, entretanto, era normal.

Eram 5 horas da manhã e sentia-se fraco nas pernas; então, sentou-se no chão por uns 10 minutos, para descansar. Em seguida, foi diretamente para a sua casa e deitou-se em sua cama. Ficou acamado os 8 dias seguintes, com desinteria (diarréia - com evacuações incontáveis e com raias de sangue), e febre (avaliada pela mão da sua esposa) nos primeiros três dias.

Emagreceu e ficou fraco, sentindo alguma dor de cabeça, constante, durante um mês (período em que ficou em casa). Em vista do estado precário em que chegou em sua casa, e também por causa da doença que o molestou, contou à sua esposa tudo o que se passou com ele naquela noite.

Não chamaram médico (provavelmente por motivo da precária situação financeira) e, na ocasião, Dirceu tomou comprimidos para dor de cabeça.

.....

12 - A FLECHA AZUL DE LAGOA VERMELHA

PROJEÇÃO ?

O caso em questão já foi relatado no boletim SBEDV nº 48/50-págs. 9 e 12 e fig. 32, e também em "O Jornal" 8/8/65.

Trata-se do aparecimento de um artefato provavelmente de origem extraterrestre, que sobrevoava os campos gaúchos, na cidade Lagoa Vermelha, em 2/8/65, conforme o relato do pesquisador gaúcho Jader Pereira.

Entretanto, voltamos hoje ao assunto, uma vez que durante as nossas férias e excursão ao sul (em 30.12.69) colhemos uns pormenores preciosos, pessoalmente, com os dois protagonistas: Frei Humberto Flores da Cunha e Primo Koch. Surpreendemos o jovem padre na hora do almoço, ainda na presença de elevados dignatários da igreja católica, e des

ta forma pedimos mais uma vez perdão ao reverendo pela inusitada interrupção do seu almoço, ou melhor, sobremesa, ao mesmo tempo agradecendo-lhe a cooperação e contribuição ao problema dos DV.

Pela descrição do padre: Trafegava êle junto com o Sr. Koch, em um chevrolet 1960, à velocidade de uns 30 km/h, de Lagoa Vermelha para a cidade de Vacaria, numa época em que a estrada ainda não estava asfaltada. Passavam por um local onde há uma caixa d'água, entre 8 e meia e 9 horas da manhã, quando viram, a uma distância de uns 300 m à frente, um objeto em forma de flecha (veja as figs. nºs 12-1 e 12-2 - croquis feito pela testemunha). O corpo tinha uns 3 a 4 m de comprimento, irradiava uma luz azul clara, perfeitamente visível apesar de ser dia. As asas e o corpo se apresentavam com um desenho em estrias, e da parte traseira saíam faíscas vermelhas, como se fôsem "estrelinhas". A posição das asas da flecha era horizontal, e não vertical, como erradamente foi descrita no Boletim nº 48/50-pág.32 e pag.16 - item 4.

O objeto cruzava a estrada, da direita para a esquerda, na direção nordeste, voando acima dos fios das linhas telefônicas, mas não era especialmente rápido, já que foi visível durante aproximadamente 3 minutos. Tendo cruzado a estrada, e a uns 100 m da mesma, perto de um morro com um declive de uns 15%, verificou-se o seguinte curioso fenômeno: o objeto começou a diminuir de visibilidade e pouco depois tornou-se transparente. Era seguro que a luminosidade do objeto não era devida ao sol. Naquêle mesmo dia, o padre fez mais pesquisas nos arredores e, quando chegou o meio dia, na fazenda do Sr. Godinho, a 18 km (sudeste?) de Lagoa Vermelha, foi informado de que ali, de manhã, quando os meninos tiravam leite (das vacas), observaram êles um objeto idêntico. Por coincidência, ao término do relato do padre, na hora do café, chegou o Sr. Koch, o qual não tinha em nada presenciado a nossa conversa, e ainda nos informou que êle julgava que o tamanho do objeto era de 5 a 6 m, que cruzava a estrada a uma distância de uns 300 m, era pontudo com duas abas (croquis 12-3), e o local da aparição era situado perto da cadeia de Lagoa Vermelha.

Agradecemos às testemunhas a boa acolhida e o bom e quente cafèzinho. Só sentimos que as testemunhas estivessem com visitas e ocupadas, e dêste modo não pudemos levá-las aos locais citados (cadeia e caixa d'água), para batermos fotos e termos uma impressão mais precisa sobre o acontecimento.

COMENTÁRIOS

A) O relato é sucinto demais para que se preste a muitos comentários, mas é bom focalizar o aspecto transparente que o objeto apresentou. Não sabemos se chegou a um total desaparecimento, o que poderia ter uma das seguintes causas:

1ª - O objeto, com um "campo de força" ao seu redor, ficaria em determinado momento sob um tal ângulo de visão (para as testemunhas), que o efeito de refração dos raios luminosos, causado pelo "campo de força" o tornaria quase invisível.

Pelo seu porte, poderia o objeto ser portador de tripulantes do tamanho dos que foram vistos na cidade de Garanhuns e Canhotinho (Pernambuco) (SBEDV Bol. nº 54-pág.3 e 5), ou poderia constituir um mero teleguiado extraterrestre, o qual estaria retransmitindo todos os dados por êle encontrados ou a êle exigidos pela sua "nave-mãe".

2ª - O objeto, de vários metros de extensão, seria um mero fenômeno ótico de projeção de uma nave à distância, como um recurso eletromagnético, de espreguiço ("spaybeam"): uma espécie de um radar muito adiantado, o qual teria sido "apagado", em certo momento, pela nave de controle que se achava à distância.

B) A revista "GEOS INTERNATIONAL" (nº 7-1970) cita o arquiteto belga Camille Brecus que, a 24/9/69, viu em Zellix, um subúrbio de Bruxelas, às 20h e 10 minutos aproximadamente, em um céu estrelado e limpo

PROJEÇÃO *lmppt.* →

do, uma máquina voadora que vinha sem ruído, do norte, e que se inobilizou atrás de sua casa. O objeto era triangular (veja a fig.nº 12-4), em forma de delta, e havia uma iluminação em branco e azul, na sua periferia, como se fôsse luz neon. O corpo, carlinga ou parte inferior do objeto, ultrapassa as asas na frente e atrás, e era da cor de um vermelho e amarelo escuros. Um segundo objeto, de aspecto igual, veio se inobiliar de repente à esquerda do primeiro. No entanto, a parte central (uma terça parte) estava escura. Após ficar visível por alguns minutos, desapareceu repentinamente como se tivesse sido apagado. Deu o arquiteto ainda os seguintes informes suplementares: a largura das asas poderia ser 2 metros. A distância entre os dois engenhos era aproximadamente 10 metros. Na carlinga, perto da base da asa, havia um anel brilhante que cercava todo o aparelho.

...-.-.

13 - LISTA DE LIVROS E REVISTAS

"A BÍBLIA E OS DISCOS VOADORES" - Livro de Fernando Cleto Pereira, falando sobre a missão dos astronautas extraterrestres. Tem 400 páginas e se trata, como o seu autor explicou à SBEDV, de "uma edição provisória, não comercial, representando um esforço de 20 anos de dedicação ao enigma do século..." Achanos melhor de bater em boletins vindouros alguns dos temas focalizados neste livro interessante. Mas desde já congratulamo-nos com o Sr. Cleto, destacado pesquisador carioca no campo ufológico, e que, com este livro, deu uma contribuição para a pesquisa livre. Façamos votos para que o volume se torne logo acessível aos leitores interessados no assunto.

"DISCO VOADOR-DA UTOPIA À REALIDADE" - Livro de 90 páginas (letra pequena, alguns desenhos e reproduções fotográficas), de Arthur Berlet. Trata de uma viagem do autor, a outro planeta, ocasionada por nero acidente ou por um incidente. Pode ser enviado pela SBEDV (Cr\$15,00 via aérea).

"ASTRO" - É o nome da revista da Associação de Amadores de Astronomia e Astronáutica, editada em Campinas. Bem aquilatanos o grande esforço que deve ter sido exigido do seu editor, amigo nosso de longa data, Sr. Cataldo Bove (rua Álvaro Muller 760, Campinas, São Paulo).

Após citar extensamente a SBEDV, aborda ainda os seguintes temas interessantes: A Enigmática Lua; Prognósticos sobre o Mundo Lunar; O que virá depois da Apollo 11?; Dez Luas brilham em Saturno; O Outro Lado da Lua; Exploração Espacial é um Bem à Humanidade; etc. etc.

REPORTAGENS DE JORNAL:

O Jornal "Correio da Manhã", após o seu "furo" (em 1958/59) no "caso das fotos de DV na ilha de Trindade", só agora publicou uma série de reportagens sobre o problema dos DV, no mês de setembro de 1970, dias 10, 11, 13, 15, 18, 26 e 28. Aparentemente, foi o "INCIDENTE DO FUNIL" que tirou o "Correio" do seu "cochilo" de 12 anos..

Também por ocasião da recente e repentina revoadada de DV na Guanabara e em Minas (a ser comentada em futuros Boletins), foi o "Correio" (25/11 e 26/11/70) quem mais seriamente abordou o episódio, juntamente com "O Dia" (26/11/70 e 5/12/70), enquanto houve por parte do "Jornal do Brasil" (7/12/70) e "Diário de Notícias" (26/11/70) um deslanchamento do assunto, iniciado já no título da matéria. Recomendamos aos nossos leitores também um recorte do "Correio do Povo" (18/4/70), de Porto Alegre, com interessante pesquisa ufológica do professor Felipe Machado Carrión.

"FLYING SAUCER REVIEW" - É uma excelente revista inglesa editada em Londres, W.E.15, 49a. Kings Grove, Peckham. (Assinatura anual: £ 1.90). Nos intervalos da Revista (bimensal), é editada a "FSR CASE HISTORIES" (assinatura anual: £ 1.30).

"WHY ARE THEY HERE?" - Livro de Fred Steckling, com 148 páginas e duas

reproduções de um filme colorido, de DV. Vendido diretamente pelo autor, por US\$3.95: Box 59-Zitacuaro-Michoacan-México).

"PHENOMENES SPACIAUX" - Revista periódica-69 rue de la Tonbe Issoire-Paris 14-França.

"LUMIERES DANS LA NUIT" - Revista periódica-Les Pins 43-Le Chambon-sur-Lignon-Haute Loire-França.

.-.-.-.

14 - ENGLISH SUMMARY

In item A-1 ("Talk to the reader") have been focalized some of the trends in ufo-policy.

On one side exists the ufo-policy of secrecy and intimidation of witnesses by the big powers, since their reign of hegemony on Earth and Space may be jeopardized by the coming of the interplanetary powers. So, "Ufo-panic" exists among the superpowers, it not so does among humble "Joe of the street", prone to admire conspicuously the stronger party which will win, to join the side of the civilisations of Space, eventually.

Governments of smaller nations may discover one day, that, in theory they could burn up their intermediary stages in development, if they succeeded to boost their moral and technology by a friendly exchange with one of the friendlier races, as mentioned by George Adamski (USA) and Freitas Guimarães (Brazil), already.

If such "contacts" should be attempted, it is our feeling that they should get worked out:

- a)- on a broad base, with full knowledge of the respective nation
- b)- Coersion of ufo witnesses had eventually to cease completely.
- c)- any contacts with friendly space-races should get encouragement and acknowledgement.

In item B of research (B-2 to B-12) becomes the reader introduced to 11 Brazilian ufo cases (5 cases of contacts, 6 of landings (or nearly landings) and in 9 of the 11 cases has research been done by the personal of CICOANI of Belo Horizonte or by SBEDV of Rio de Janeiro.

Case B: happens in "Vila Oeste" a western town district of Belo Horizonte. The course of a low, slow and erratic flying ufo, which lands eventually, has been stacked by CICOANI in a painstaking, exhaustive work, which has an "end result" a classical perfect case of ufo research.

Case B-3: of "Vila Operária" is a case of contact in a neighbourhood (and mining) town of Belo Horizonte, and by its exotic, dazzling aspect no ufologist would like to miss this case in his collection. The witness, awakened at night time by the barking of his little dog, steps outside his house for investigation, only to step into the opening (sucked in?) of a Flying Saucer, parked in the street, in front of his house. Some gaps of memory, which the witness suffered, make the case even more interesting and enigmatic.

In the item B-3 has the watering of an ufo been described in front of the seashore, near one of the fashionable districts of Rio. From the terrace of a house on the shoreline observes a family the work of two crewmembers during a reasonable long time. An unrushing speedboat, supposedly from the coastguard, chases the ufo away, in a fast and short ride on the water, followed by a fast ascending flight. Eventually, two devices, unobserved by the boat, and left back in the water by the ufo, begin to float along the coast, in what seems by a telemeasured or self-propelled course.

Item B-5 describes the landing of an ufo near an airforce-base.

B-6 describes the "Funil's Incident", or the shooting of an ufo during three times, by the night-watch-man of an hidro-electrical plant, near the town of Itatiaia. The witness envolved hears a deafening noise then, and a blinding ray is directed at him, which apparently turns him stiff. After having been rescued by his fellow-watchmen, ceases quickly the stiff and deafness, not so the blindness, for which he is being admitted in a Rio hospital and gets treatment (for the "psychological" blindness) by hypnosis and after a few days is discharged as cured.

SBEDV airs some considerations in regard to the physical, physiological and psychological aspects envolved, in the problem.

B-7 transcribes the paperclipping in regard of an "E.M" in cident of a car (its wiring and the insulation of the hood of the motor became burned out) by a low flying ufo.

B-8 is the summary of the transcription of a two page paper-clipping in regard to the teletransportation by an ufo of a rider in the central part of Brazil. Apparently shows the witness afterwards some clear indication of some modifications of his previous personality. This may be related perhaps to the influence of the field of energy of the ufo on the brain of the witness. B-7 and B-8 have so been selected to get a discussion in relation also to case B-6.

B-9 and B-10 are two contact cases in the in the area of the town of Pirassununga and are discussed in relation to the case of Tiago Machado and still another case of contact, which happened all four in the same area. Apparently are envolved in the cases space races of different anatomy and different psychological approach.

B-11, the contact case of Dirceu at the southern town of Sarandi (he gets an "involuntary" ride in an ufo), is discussed in regard to the case of Artur Berlet, who on an earlier date, living at the same town, got also an "involuntary" ride", also different races seemed envolved in the cases.

B-12 mentions once more (read SBEDV Bull. 48/50, page 9 and 12) the case of a curious ufo phenomenen (a blue, luminous, flying "arrow") but some new aspects had been brought out, by this, personal (by SBEDV) "on-the spot research". Also one mentions a french case by its similarity.



GIPOVNI J. Victor Soares <i>R 13-3-71</i> Rio Grande do Sul - Brasil

CIPEX
Caixa Postal: 24.555
Curitiba - Paraná
Brasil - Cep. 81.570-971